

Das Aldeias do Xisto: proposta de reabilitação em Martim Branco

Rute Sousa Martins

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitetura
(mestrado integrado)

Orientador: Prof. Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins

setembro de 2020

Dedicatória

Aos que sempre estiveram presentes, pais e irmão.

Agradecimentos

À minha família, todos sem exceção, em particular aos meus pais que todos os dias, desde o início me apoiaram e compartilharam este sonho. Ao meu irmão, um apoio que é sempre demonstrado entre gargalhadas cúmplices.

Ao meu namorado pelo carinho e atenção que mesmo com a distância se fez presente em todos os momentos, nos mais especiais e no dia-a-dia.

Aos meus companheiros de jornada, e àqueles que ficaram amigos, por todos os momentos de compreensão mútua e ajuda para levar a bom porto esta jornada a que nos propusemos, esses foram fundamentais pela força que me deram e pelo companheirismo que vivemos, todos crescemos juntos.

À professora Doutora Ana Maria Tavares Ferreira Martins, orientadora, por ter aceitado fazer parte do meu percurso acadêmico que culminou nesta dissertação, agradeço o apoio, a confiança e os conhecimentos transmitidos sempre com “coragem” no fim de cada conversa.

Aos restantes professores que marcaram presença ao longo dos anos e que me transmitiram diversos conhecimentos.

A todos aqueles que pelas mais diversas razões me auxiliaram em algum momento do percurso quer em ambiente acadêmico quer na execução da dissertação, cada um teve um papel importante.

À Câmara Municipal de Castelo Branco por ter fornecido os elementos necessários para o desenvolvimento do trabalho.

Resumo

A criação do Programa Aldeias do Xisto em 2001 veio valorizar as aldeias do interior estruturando o território com a criação de uma rede que tira partido do que cada aldeia tem para oferecer dando origem à Rede das Aldeias do Xisto. Das Aldeias do Xisto: proposta de reabilitação em Martim Branco surge pela relação afetiva com os lugares do interior, aldeias quase extintas, para reforçar a importância que tiveram e continuam a ter.

O contributo para a valorização das Aldeias do Xisto materializa-se neste trabalho com a proposta de reabilitação de um conjunto de edifícios em Martim Branco, concelho de Castelo Branco, tal reabilitação destina-se ao alojamento de visitantes que pretendam experienciar o modo de vida de uma aldeia pacata, mas cheia de riqueza nos costumes, tradições, etc.

Inicialmente é feita uma abordagem teórica à arquitetura vernácula ou popular em Portugal de modo a enquadrar Martim Branco nesta referência da arquitetura com um levantamento fotográfico, cartográfico e individual de cada edifício.

Por fim o trabalho culmina numa proposta de reabilitação de apoio ao turismo que é essencial para a economia da região e para a ligação entre aldeias, cumprindo os objetivos da Rede das Aldeias do Xisto.

Palavras-chave

Aldeias do Xisto; Martim Branco; Arquitetura vernácula; Reabilitação; Alojamento Local

Abstract

The creation of the Schist Villages Program in 2001 enhanced the value of the inland villages by structuring the territory with the creation of a network that takes advantage of what each village has to offer, giving rise to the Schist Villages Network. From the Schist Villages: proposal for rehabilitation in Martim Branco arises from the affective relationship with the places in the interior, villages almost extinct, to reinforce the importance they had and continue to have.

My contribution to the valorization of the Schist Villages materializes in this work with the proposal of rehabilitation of a set of buildings in Martim Branco, municipality of Castelo Branco, such rehabilitation is intended to accommodate visitors who want to experience the way of life of a quiet village, but full of wealth in customs, traditions, etc..

Initially a theoretical approach is made to the vernacular or popular architecture in Portugal to frame Martim Branco in this architecture reference with a photographic, cartographic, and individual survey of each building.

Finally the work culminates in a proposal of rehabilitation to support tourism that is essential for the economy of the region and for the connection between villages, fulfilling the objectives of the Schist Villages Network. [2 linhas de intervalo]

Keywords

Schist Villages;Martim Branco;Vernacular Architecture;Rehabilitation;Local Accommodation

Índice

1	Introdução	1
1.1	Objetivos	1
1.2	Metodologia	2
1.3	Estado da Arte	3
2	Arquitetura vernacular ou popular	5
3	Aldeias do Xisto	9
3.1	Aldeias	11
3.2	Zonas	12
4	Regulamento das Aldeias do Xisto	15
5	Martim Branco	17
5.1	Morfologia urbana e espaço público	22
5.2	Tipologias habitacionais	24
5.3	Equipamentos revelantes	29
5.3.1	Moinhos de Água	30
5.3.2	Lagares	31
5.3.3	Fornos	33
5.3.4	Picota ou cegonha	35
5.3.5	Fontanários	35
5.4	Composição das fachadas	38
5.4.1	Vãos	40
6	Reabilitação em meio rural: estudos de caso	41
6.1	Aldeamento turístico, Utopia	41
6.2	Sobreiras – Alentejo Country Hotel, FAT - Future Architecture Thinking	43
6.3	Longroiva Hotel Rural, Rebelo de Andrade Arquitetos	45
6.4	Casa em Moledo, Souto de Moura	47
6.5	Quinta de Lemos, Carvalho Araújo Arquitetura e Design	49
7	Legislação para alojamento local	51
8	Proposta	55
8.1	Contextualização e programa	55
8.2	Memória descritiva e justificativa	57
9	Conclusão	61
10	Bibliografia	63
11	Anexos	65
11.1	Anexo 1	665

11.2	Anexo 2	98
11.3	Anexo 3	105

Lista de Figuras

Fig. 1 Amostragem da metodologia de levantamento	3
Fig. 2 Capa do livro Arquiteturas do xisto	3
Fig. 3 Habitação com 2 pisos	7
Fig. 4 Conjunto de edifícios com 1 piso	7
Fig. 5 Materialidade em Martim Branco	8
Fig. 6 Pedra rolada.....	8
Fig. 7 Logótipo Aldeias do Xisto	9
Fig. 8 Mapa das Aldeias do Xisto	12
Fig. 9 Grupo da Serra da Lousã	13
Fig. 10 Grupo da Serra do Açor.....	13
Fig. 11 Grupo do Zêzere.....	14
Fig. 12 Grupo Tejo-Ocreza	14
Fig. 13 Martim Branco à escala nacional	17
Fig. 14 Martim Branco à escala municipal.....	17
Fig. 15 Aldeias envolventes de Martim Branco.....	18
Fig. 16 Entrada de Martim Branco	19
Fig. 17 Vista sob a aldeia	21
Fig. 18 Planta dos principais acessos rodoviários e linha de água.....	22
Fig. 19 Corte transversal da aldeia.....	23
Fig. 20 Planta de tipologias	25
Fig. 21 Gráfico de tipologias.....	25
Fig. 22 Planta de localização dos serviços	26
Fig. 23 Loja Aldeias do Xisto	27
Fig. 24 Forno comunitário.....	27
Fig. 25 Alojamento Xisto sentido.....	28
Fig. 26 Edifício em ruína.....	28
Fig. 27 Forno comunitário	29
Fig. 28 Picota	29
Fig. 29 Fonte	30
Fig. 30 Localização do lagar	31
Fig. 31 Lagar de Martim Branco	32
Fig. 32 Interior do lagar/ Objetos.....	32
Fig. 33 Roda	32
Fig. 34 Planta de localização dos fornos	33
Fig. 35 Forno 1	34

Fig. 36 Forno 2	34
Fig. 37 Forno 3.....	34
Fig. 38 Picota da aldeia	35
Fig. 39 Planta de localização dos fontanários	36
Fig. 40 Fonte 1	37
Fig. 41 Fonte 2	37
Fig. 42 Fonte 3	37
Fig. 43 Edifício com um vão de porta.....	38
Fig. 44 Edifício com um piso e dois vãos	39
Fig. 45 Edifício com dois pisos e alpendre	39
Fig. 46 Edifício com dois pisos.....	40
Fig. 47 Edifício com dois pisos	40
Fig. 48 Aldeamento turístico, Utopia.....	41
Fig. 49 Planta do aldeamento.....	42
Fig. 50 Alentejo Country Hotel em Sobreiras, FAT - Future Architecture Thinking	43
Fig. 51 Planta de cobertura.....	44
Fig. 52 Longroiva Hotel Rural de Rebelo de Andrade Arquitetos	45
Fig. 53 Corte demonstrativo da implantação em anfiteatro	46
Fig. 54 Casa em Moledo, Souto de Moura	47
Fig. 55 Desenhos Casa de Moledo	48
Fig. 56 Desenho construtivo.....	49
Fig. 57 Quinta de Lemos em Passos do Silgueiros, Carvalho Araujo	50
Fig. 58 Modelo da placa de AL	54
Fig. 59 Objeto de estudo.....	55
Fig. 60 Localização dos edifícios.....	56
Fig. 61 Vista do lado este	56
Fig. 62 Xisto em tiras	58
Fig. 63 Pedra natural ardósia.....	58
Fig. 64 Pavimento Bedrock Dark	59
Fig. 65 Revestimento Bedrock Light	59
Fig. 66 Pavimento e revestimento Bedrock Light	60

Lista de Acrónimos

PAX	Programa das Aldeias do Xisto
ADXTUR	Agência para o Desenvolvimento Turístico das Aldeias do Xisto
PDM	Plano Diretor Municipal
RMUE	Regulamento Municipal de Urbanização e Edificação
FAT	Future Architecture Thinking
AL	Alojamento Local
XPS	Poliestireno extrudido

1 Introdução

A temática da proposta Aldeias do Xisto, proposta de reabilitação remete para a questão da reabilitação das construções das aldeias. O isolamento das aldeias do interior foi o mote para que no ano de 2001 se inaugurasse o programa Aldeias do Xisto.¹

O abandono das aldeias é uma problemática que vai além da desertificação é uma perda das tradições de cariz rural, da gastronomia típica, do vocábulo e do que me proponho estudar, as características arquitetónicas que estão implícitos tanto no modo de vida como nos detalhes dos desenhos.

A escolha do tema tem como motivações a preocupação pela desertificação das aldeias, em concreto as do interior e de Martim Branco em específico, o fato deste tema ser atual e pertinente pois as aldeias estão cada vez mais esquecidas assim como as poucas pessoas que ainda fazem de Martim Branco o seu porto de abrigo, levando assim à solidão, de modo que esta proposta não pretende apenas reabilitar Martim Branco mas também reabilitar as suas gentes trazendo-lhes vidas e vida.

Estes estudos sobre as aldeias trazem lhes valor, reconhecimento, importância e a dignidade que merecem, pois além do lado Humano que as pessoas que lá vivem nos transmitem existe também o lado material, neste caso o arquitetónico, que merece ser estudado.

O programa Aldeias do Xisto, na qual se insere a aldeia Martim Branco tem vindo a desenvolver vários projetos de integração como preservação e promoção da paisagem cultural do território, valorização do património arquitetónico construído assim como dinamização sociocultural das aldeias e renovação das artes e ofícios.

1.1 Objetivos

O objetivo reabilitar tem uma conotação mais extensa, aliás acredito que o que pretendo efetivamente reabilitar é a vida na aldeia, que se encontra dias consecutivos praticamente em silêncio devido ao abandono da população local para as cidades.

A reabilitação dos seis edifícios que proponho pode ser encarada como “dar vida” associado ao movimento causado por visitantes da aldeia, a reabilitação dos edifícios também valoriza os seus costumes, mantendo viva a memória, pois é possível descobrir

¹ Rotas do xisto nº4 série II-Semestral; Página 3

tradições únicas da região quando se pernoita num local de encanto como é Martim Branco para assim absorver mais do modo de vida na aldeia.

Os objetivos do projeto de reabilitação dos seis edifícios inseridos no meio urbano de Martim Branco assentam numa valorização do lugar pois neste caso não só ficam valorizados os seis edifícios, mas toda a aldeia pois as consequências desta proposta de projeto a afetam e às suas gentes. Para a rede de Aldeias do Xisto também é fundamental que nela se continue a investir atribuindo-lhe mais valor além do que já tem associado ao seu nome.

Pretendo sensibilizar para o abandono das aldeias como consequências não só de desertificação das mesmas, mas de abandono da história.

1.2 Metodologia

De modo a cumprir com os objetivos enumerados acima a metodologia abordada recai numa pesquisa bibliográfica partindo do geral para o particular, primeiro sobre arquitetura vernácula ou popular na qual se insere o tema seguinte, Aldeias do Xisto e consequentemente a aldeia em estudo Martim Branco.

Tal pesquisa foi feita através da consulta de vários arquivos dos quais se salientam bibliotecas, municipais e académicas, arquivos e repositórios online.

Posteriormente e para compreender melhor o local de estudo fez-se uma visita à aldeia, apoiando essa visita com levantamentos fotográficos e de diálogo com os poucos transeuntes que se iam encontrando pelas ruas (Fig. 1). Como complemento destes levantamentos, com o apoio de uma planta foram referenciados cada um dos edifícios atribuindo-lhes um número e fez-se a avaliação das suas características em parâmetros como nº de pisos, a cima e a baixo do solo, tipo de cobertura, nº de águas e telha, caleiras, material das paredes exteriores (ex: xisto, reboco), orientação da fachada, caixilharia (material, cor e tipo de vidro) e por fim a soleira da porta (Anexo 1).

Após a análise das fragilidades que pude testemunhar passei ao desenvolvimento da proposta para a reabilitação em Martim Branco.

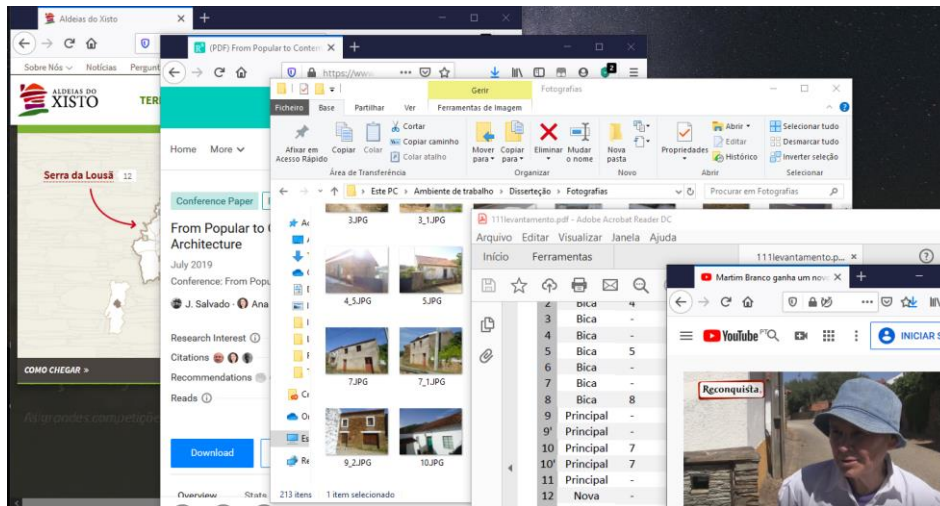


Fig. 1 Amostragem da metodologia de levantamento ²

1.3 Estado da Arte

Para a elaboração da dissertação foi fundamental a consulta do livro *Arquiteturas do Xisto*³ editado pela Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa e pelas Publicações científicas do Laboratório de Valorização do Património LVP (Fig. 2) pois este aborda as Aldeias do Xisto e cada uma das suas características arquitetónicas que são ferramentas importantes para o conhecimento e desenvolvimento da proposta apresentada.

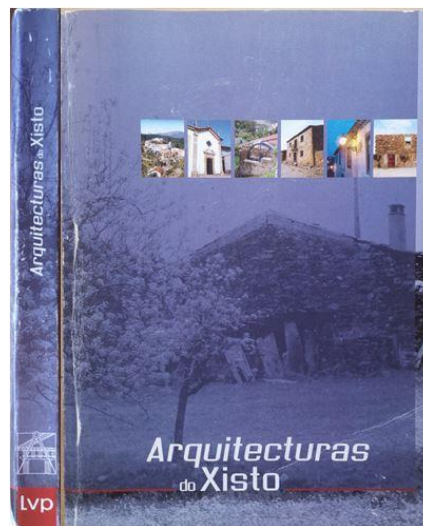


Fig. 2 Capa do livro *Arquiteturas do xisto*⁴

² Arquivo da autora

³ AA. VV., *Arquiteturas do Xisto*, Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa e pelas Publicações científicas do Laboratório de Valorização do Património LVP, 2006

⁴ Arquivo da autora

Ainda com o apoio de bibliografia literária o livro *Arquitetura Popular em Portugal* de Francisco Keil do Amaral e José Lobo.⁵

Foi igualmente importante a consulta de dissertações como referência para o tratamento dos dados obtidos, elaboradas para obtenção do grau de mestre, entre elas *Intervenções “Cirúrgicas” em Património Arquitectónico* de Tiago Emanuel Castela da Silva⁶, para a obtenção do grau de mestre em Arquitetura e Urbanismo a dissertação de Henrique António Abreu Rodrigues com o título *Reabilitação do Património Rural*. O caso da aldeia da Anta, Lamego.⁷

O artigo do arquiteto Pedro Fonseca Jorge intitulado de *A arquitetura popular como transição entre o vernáculo e o erudito- Uma tentativa de definição dos diferentes contextos arquitetónicos de raiz não-erudita*⁸ também se tornou uma ferramenta importante, assim como o artigo *From Popular to Contemporary: a Review on Portuguese Vernacular Architecture* de J. Salvado, A.M.T. Martins e M.C.S. Nepomuceno⁹.

⁵ AMARAL, Francisco Keil do, LOBO, José, *Arquitetura Popular em Portugal*, Lisboa: Associação dos Arquitetos Portugueses; 2ª Edição, 1980

⁶ SILVA, Tiago Emanuel Castela da, *Intervenções “Cirúrgicas” Em património Arquitectónico*, Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura, Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2017

⁷ RODRIGUES, Henrique António Abreu, *Reabilitação do Património Rural*, Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo, Vila Nova de Cerveira: Escola Superior Gallaecia, 2015

⁸ JORGE, Pedro Fonseca, *A arquitetura popular como transição entre o vernáculo e o erudito: Uma tentativa de definição dos diferentes contextos arquitetónicos de raiz não-erudita*, ESG-Escola Superior Gallaecia, disponível em https://www.researchgate.net/publication/332080156_A_ARQUITETURA_POPULAR_COMO_TRANSICAO_ENTRE_O_VERNACULO_E_O_ERUDITO_Uma_tentativa_de_definicao_dos_diferentes_contextos_arquitetonicos_de_raiz_nao-erudita, acessado pela última vez a 08/09/2020

⁹ Salvado, J., Martins, AMT, Nepomuceno, MCS, *From Popular to Contemporary: a Review on Portuguese Vernacular Architecture*, 2019, disponível em <https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/7145/1/JS%2c%20AM%2c%20MN-%20A%20Review%20on%20Port.%20Vernacular%20Architecture%2c%20REHAB2019%2c%20Guimar%20c3%a3es%2c%202019.pdf>, acessado pela última vez a 08/09/2020

2 Arquitetura vernacular ou popular

Os dois termos usados, vernacular e popular exigem uma diferenciação atribuída pelos seus utilizadores de forma a distinguir os seus significados, isto é feito através do léxico das palavras. Para o senso comum ambas se referem às práticas da comunidade na construção, tanto em forma como em conteúdo designando-se de rural. No entanto o fato de usar métodos construtivos do local não significa que seja local.¹⁰

No século XX, década de 40, surgiu a inquietação por parte do arquiteto Fernando Távora¹¹ sobre a arquitetura praticada em Portugal. Só na década de 50 por José Huertas Lobo e Francisco Keil do Amaral¹² essa ideia obteve financiamento por parte do governo, na altura o Estado Novo¹³, essa inquietação era movida pelo desconhecimento que tinham no geral sobre a arquitetura popular em Portugal, justificando assim o nome atribuído ao inquérito por ser um questionamento sobre a arquitetura que se fazia em Portugal e não a arquitetura portuguesa pois existia a dúvida se ao longo do país a arquitetura podia ser sinónimo de unidade e igualdade ou por outro lado se se verificava o facto desta ser diversificada.¹⁴

A ideia era fazer um levantamento exaustivo à arquitetura em Portugal continental e assim investigar e tirar algumas conclusões sobre a forma como se fazia arquitetura com todos os fatores externos que influenciavam essa construção e assim testemunhar a sua diversidade e/ou unidade.

Como método de concretização dividiram o país em seis zonas e conseqüentemente criaram seis grupos de arquitetos para percorrerem essas regiões, a zona 1 abrange o Minho, Douro Litoral e Beira Litoral, a zona 2 Trás-os-Montes e Alto Douro, a zona 3

¹⁰ JORGE, Pedro Fonseca, A arquitetura popular como transição entre o vernáculo e o erudito: Uma tentativa de definição dos diferentes contextos arquitetónicos de raiz não-erudita, ESG-Escola Superior Gallaecia, disponível em https://www.researchgate.net/publication/332080156_A_ARQUITETURA_POPULAR_COMO_TRANSICAO_ENTRE_O_VERNACULO_E_O_ERUDITO_Uma_tentativa_de_definicao_dos_diferentes_contextos_arquitetonicos_de_raiz_nao-erudita, acedido pela última vez a 08/09/2020

¹¹ LEAL, João, Arquitetos, engenheiros, antropólogos: estudo sobre arquitetura popular no século XX português, Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva, 2009, p.7

¹² AMARAL, Francisco Keil do, LOBO, José, Arquitetura Popular em Portugal, Lisboa: Associação dos Arquitetos Portugueses; 2ª Edição, 1980

¹³ Ibidem

¹⁴ LEAL, João, Arquitetos, engenheiros, antropólogos: estudo sobre arquitetura popular no século XX português, Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva, 2009, p.8

Beira Alta e Beira Baixa, a zona 4 Estremadura e Ribatejo, a zona 5 Alentejo Interior e por último a zona 6 Algarve e Alentejo Litoral.¹⁵

A região sob a qual se debruça o meu trabalho é a zona 6, Beira Alta e Beira Baixa pois é na Beira Baixa que se situa a aldeia a intervir, Martim Branco, freguesia de Alameda, concelho de Castelo Branco.

A região da Beira Alta e Beira Baixa palmeada por Francisco Keil do Amaral, José Huertas Lobo e João José Malato¹⁶ apesar de terem sido agrupadas apresentam características bastante distintas.

A Beira Alta possui uma paisagem acidentada, muito recortada por cursos de água e onde predomina o granito. Quanto ao clima no inverno atinge baixas temperaturas.¹⁷

A Beira Baixa tem a particularidade de o clima ser continental por ser de extremos, ou seja, o inverno é chuvoso e frio e o verão particularmente seco e quente. Quanto à geologia esta varia entre granito e xisto.¹⁸ São as duas principais características físicas que distinguem as Beiras.

Pelo facto de o clima ser tão rigoroso, tanto no verão atingindo altas temperaturas como no inverno pela razão inversa este fator condiciona e singulariza a arquitetura beirã. No inquérito à arquitetura os arquitetos relatam que pelas condições climáticas os edifícios das beiras são particulares pois preservam a proteção tanto das pessoas como dos animais domésticos e dos bens utilizados na agricultura.¹⁹

No levantamento da zona 3 segundo o inquérito existem sete sub-regiões com diferentes características em relação ao número de pisos, à sua utilização e ao tipo de materiais usados na construção.²⁰

A aldeia Martim Branco localizada na sub-região A, a principal, a maior e mais comum. Nela predominam edifícios de dois pisos (Fig.3) em que o primeiro se destina a animais e às alaias e o segundo à habitação.²¹

¹⁵ Ordem dos Arquitectos disponível em <https://www.arquitectos.pt/index.htm?no=2020492816>, acedido pela última vez a 21/03/2020

¹⁶ Ibidem

¹⁷ AA. VV., *Arquiteturas do Xisto*, Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa e pelas Publicações científicas do Laboratório de Valorização do Património LVP, 2006, p.196

¹⁸ Ibidem, p. 196

¹⁹ AMARAL, Francisco Keil do, LOBO, José, *Arquitetura Popular em Portugal*, Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses; 2ª Edição, 1980

²⁰ Ibidem

²¹ Ibidem



Fig. 3 Habitação com 2 pisos²²

No conjunto de edifícios a reabilitar estas características não se verificam, pois como é perceptível pela imagem têm apenas 1 piso (Fig. 4).



Fig. 4 Conjunto de edifícios com 1 piso²³

²² Arquivo da autora

²³ Arquivo da autora

A pedra granítica ou xistosa é a principal alvenaria de construção. No caso de Martim Branco o xisto é a principal embora pela proximidade com a Ribeira de Alameda a par com o xisto a pedra rolada (Fig. 5 e Fig.6) também está presente nas fachadas da aldeia.



Fig. 5 Materialidade em Martim Branco ²⁴



Fig. 6 Pedra rolada²⁵

Nesta sub-região é comum as cozinhas serem a divisão primordial da habitação onde se situa a lareira (embora sem chaminé) onde se situa a cozinha e que serve de apoio aos invernos rigorosos.²⁶

²⁴ Arquivo da autora

²⁵ Arquivo da autora

²⁶ AMARAL, Francisco Keil do, LOBO, José, *Arquitetura Popular em Portugal*, Lisboa: Associação dos Arquitetos Portugueses; 2^a Edição, 1980

3 Aldeias do Xisto

Com início no ano de 2001²⁷ começou este projeto de desenvolvimento sustentável pelo Programa das Aldeias do Xisto (PAX) (Fig. 7) no âmbito do III Quadro Comunitário de Apoio dedicado a 21 municípios da região centro de Portugal.²⁸

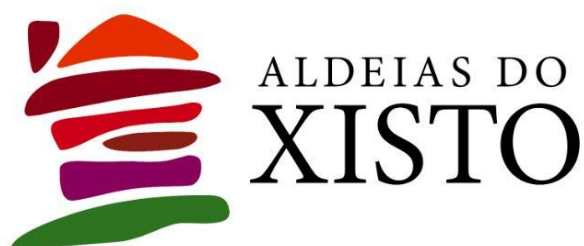


Fig. 7 Logótipo Aldeias do Xisto ²⁹

Com o término do III Quadro Comunitário de Apoio terminou também o PAX, mas devido a todo o trabalho desenvolvido pelo Programa, este decidiu dar-lhe continuidade criando a Agência para o Desenvolvimento Turístico das Aldeias do Xisto (ADXTUR) de modo a que a rede continuasse a sua dinâmica. A Administração Pública passou a liderança do processo para uma parceria de municípios, associações e agentes privados o que fez com que a Rede iniciasse uma nova fase mais inovadora onde foi possível estabelecer novas estratégias de crescimento.³⁰

A iniciativa do PAX visou estruturar o território em redes tirando partido de cada aldeia consoante o que esta podia oferecer foi assim que surgiu a Rede das Aldeias do Xisto, a Rede de Praias Fluviais e a Rede de Caminhos do Xisto.³¹

O nome Aldeias do Xisto surge como tema e por isso se justifica a preposição “do” ao inverso da preposição “de” isto porque na Rede das Aldeias do Xisto não é espectral a presença de aldeias exclusivamente em xisto.³²

²⁷ Rotas do xisto nº4 série II-Semestral; Página 3

²⁸ Aldeias do Xisto, disponível em <https://aldeiasdoxisto.pt/aldeias>, acedido pela última vez a 11/10/2018

²⁹ ADXTUR, disponível em

https://aldeiasdoxisto.pt/sites/default/files/Termo%20de%20Ades%c3%a3o_ADXTUR.pdf, acedido pela última vez a 20/04/2020

³⁰ Aldeias do Xisto, disponível em <https://aldeiasdoxisto.pt/content/Rede>, acedido pela última vez a 31/03/2020

³¹ Ibidem

³² Ibidem

À Rede das Aldeias do Xisto pertencem várias tipologias de edifícios, métodos construtivos e materialidade assim como variedade, ao longo do país onde abrange a Rede as características do xisto quanto à cor e à rigidez, por exemplo, vão variando geologicamente. A presença de outras pedras como o granito e o quartzito ajudam a justificar o nome atribuído porque no caso destas aldeias existem algumas em que o xisto se faz acompanhar e por este motivo todas as aldeias são únicas pois variam as suas características ainda assim dessa diferença se conseguiu encontrar um elo de ligação.³³

Esta Rede de Aldeias do Xisto situa-se no território entre Castelo Branco e Coimbra e contempla 21 concelhos da região centro. Essencialmente constituído por montanhas de xisto, a pedra que lhe deu a identidade, permitiu atribuir verdade à sua história.³⁴

Os objetivos da Rede de Aldeias do Xisto aquando da sua criação prioritariamente apoiada no benefício turístico do território prendiam-se com o melhoramento das condições de vida da população potenciando a economia de cada aldeia³⁵ promovendo os produtos locais, a animação turística das aldeias e a qualificação dos seus habitantes e agentes económicos através de ações de formação profissional. O ponto fulcral de todas estas intervenções está centrado nas pessoas o que permite devolver a vida perdida nas aldeias algures no tempo devido ao êxodo rural século XIX³⁶ sentido nas aldeias em troca da vida nas cidades, reforçar a identidade regional, valorizando cada aspeto singular desse local, assim como promover o património cultural como recurso no processo de desenvolvimento, dando a conhecer os produtos, as atividades e as tradições dessa comunidade.

Em suma, o objetivo principal era melhorar as condições de vida da população alicerçada no aproveitamento turístico do território criando emprego e qualificando os recursos humanos de forma a permitir o surgimento de uma nova base económica, afirmar as aldeias enquanto património com potencial turístico, com as pessoas e as suas vivências.³⁷

³³ Aldeias do Xisto, disponível em <https://aldeiasdoxisto.pt/content/Rede>, acessido pela última vez a 31/03/2020

³⁴ Aldeias do Xisto, disponível em <https://aldeiasdoxisto.pt/aldeias>, acessido pela última vez a 15/10/2018

³⁵ Aldeias do Xisto, disponível em <https://aldeiasdoxisto.pt/content/Rede>, acessido pela última vez a 31/03/2020

³⁶ PINHEIRO, Elisa Calado, 2014, A Beira Interior: de mosaico de paisagem a região identitária, *ubimuseum Revista online do museu de lanifícios da universidade da beira interior*, p. 71, disponível em http://www.ubimuseum.ubi.pt/n03/_edit/ubimuseum03-print-folder/ubimuseum.03.pdf, acessido pela última vez a 31/03/2020

³⁷ Aldeias do Xisto, disponível em <https://aldeiasdoxisto.pt/content/Rede>, acessido pela última vez a 02/04/2020

Esta rede presenteia os visitantes com um território maravilhoso e privilegia o contacto com a Natureza, existem mais de 600 Km de percursos pedestres, trilhos de BTT e praias fluviais.³⁸

Na base dessa fase inovadora, planeada, estava a criação da marca Aldeias do Xisto, enquanto destino turístico de qualidade, esta marca veio fortalecer e potencializar as características exclusivas da região centro demarcando-se assim dos demais mercados turísticos em Portugal e no mundo. O facto de trabalharem em equipa municípios, associações e agentes privados desenvolveu-se um projeto global de promoção, comunicação e animação que promoveu o território em vastas categorias: natureza, desporto outdoor, tradição, património, gastronomia, lazer e alojamento rural.³⁹

Tendo em consideração as 27 Aldeias do Xisto e o seu potencial em termos turísticos, estamos perante um património cultural, histórico e social que se assume como marca exclusiva da região centro e do país.⁴⁰

3.1 Aldeias

Em 2020 o programa conta com 27 aldeias (Fig. 8) que se interligam através de três percursos, apelidados de portas de entrada, estes percursos permitem descobrir a vasta oferta turística em que a cultura de um povo se mistura com o deslumbramento da Natureza.⁴¹ Estes pequenos núcleos promovem o turismo regional refletivo na arquitetura, no ambiente, na gastronomia e nas tradições entre outros elementos culturais distintivos.⁴²

³⁸ Aldeias do Xisto, disponível em <https://aldeiasdoxisto.pt/aldeias>, acessido pela última vez a 11/10/2018

³⁹ Aldeias do Xisto, disponível em <https://aldeiasdoxisto.pt/content/Rede>, acessido pela última vez a 02/04/2020

⁴⁰ Ibidem

⁴¹ Rotas do xisto nº4 série II-Semestral; Página 4

⁴² Aldeias do Xisto, disponível em <https://aldeiasdoxisto.pt/aldeias>, acessido pela última vez a 11/10/2018

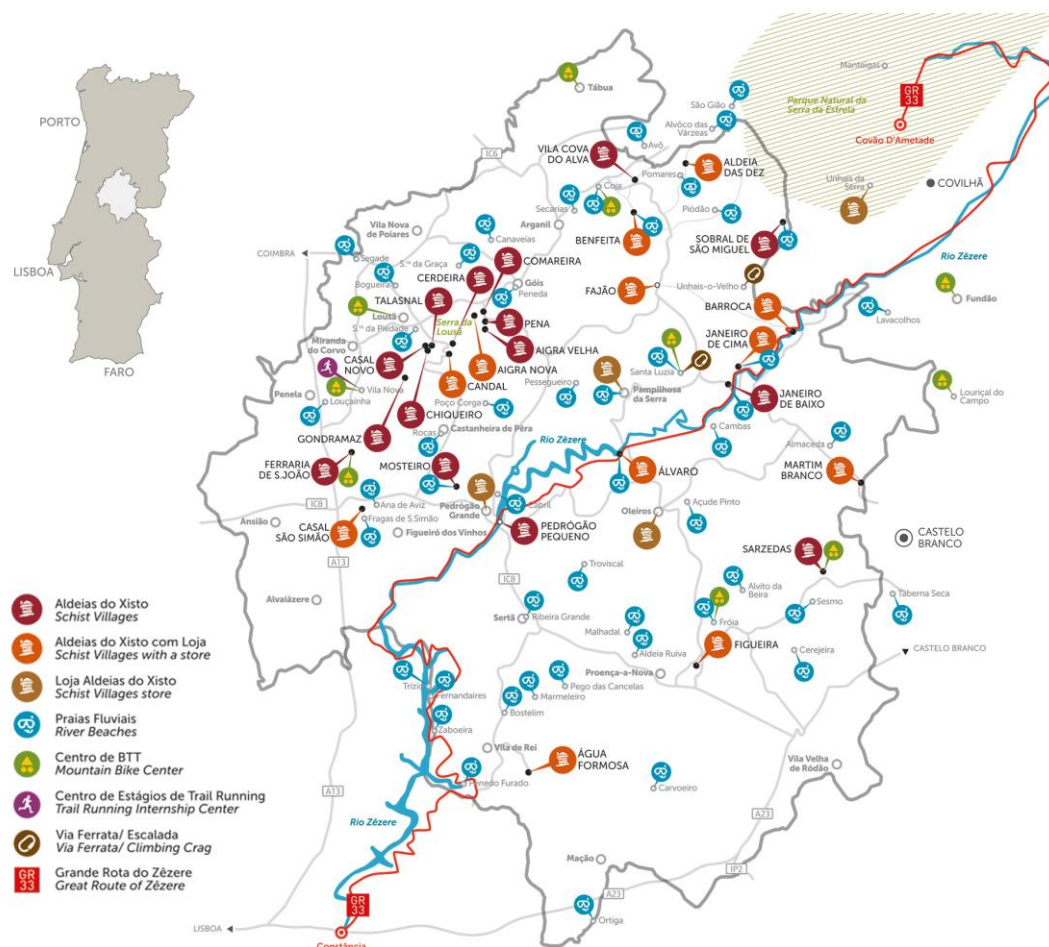


Fig. 8 Mapa das Aldeias do Xisto 43

3.2 Zonas

Existem quatro grupos, separados por zonas. O grupo da Serra da Lousã (Fig.9) onde predomina o xisto e o quartzito abrange doze aldeias são elas: Aigra Nova, Aigra Velha, Candal, Casal de São Simão, Casal Novo, Cerdeira, Chiqueiro, Comareira, Ferraria de São João, Gondramaz, Pena e Talasnal.⁴⁴

⁴³ Campeonato Europeu de Downhiil, disponível em <http://www.cinetica.pt/como-chegar/>, acedido pela última vez a 20/04/2020

⁴⁴ Aldeias do Xisto, disponível em <https://aldeiasdoxisto.pt/regional-organization/serra-da-lous%C3%A3> acedido pela última vez a 15/10/2018



Fig. 9 Grupo da Serra da Lousã⁴⁵

O grupo da Serra do Açor (Fig.10) com cinco aldeias, Aldeia das Dez, Fajão, Vila Cova de Alva, Benfeita, Sobral de São Miguel, nestas aldeias predomina a arquitetura das construções se encontram rebocadas.⁴⁶



Fig. 10 Grupo da Serra do Açor⁴⁷

O grupo do Zêzere (Fig.11) com seis aldeias implantadas nas proximidades da margem do Rio que lhe dá o nome pertencem Álvaro, Barroca, Janeiro de Baixo, Janeiro de Cima e Pedrógão Pequeno. A aldeia de Mosteiro também pertence a este grupo embora esteja localizada na margem da Ribeira de Pera, quando esta está próxima de ser afluente do Zêzere.

⁴⁵ Aldeias do Xisto, disponível em <https://aldeiasdoxisto.pt/regional-organization/serra-da-lous%C3%A3> acedido pela última vez a 15/10/2018

⁴⁶ Aldeias do Xisto, disponível em <https://aldeiasdoxisto.pt/regional-organization/serra-do-a%C3%A7or> acedido pela última vez a 15/10/2018

⁴⁷ Ibidem

Como particularidade três destas aldeias, Barroca, Janeiro de Baixo e Janeiro de Cima, pela sua proximidade com o leito do Rio Zêzere, apresentam como material de construção de muros e fachadas calhaus rolados de cores claras juntamente com o xisto escuro, criando assim fachadas e muros característicos.⁴⁸



Fig. 11 Grupo do Zêzere⁴⁹

Por último, o grupo com menos aldeias, o Tejo-Ocreza (Fig. 12), com quatro aldeias, Água Formosa, Martim Branco, Figueira e Sarzedas. Embora seja o grupo com menos aldeias é o que possui maior distribuição territorial.⁵⁰



Fig. 12 Grupo Tejo-Ocreza⁵¹

⁴⁸ Aldeias do Xisto disponível em <https://aldeiasdoxisto.pt/regional-organization/z%C3%Aazere> acedido pela última vez a 15/10/2018

⁴⁹ Ibidem

⁵⁰ Aldeias do Xisto disponível em <https://aldeiasdoxisto.pt/regional-organization/tejo-ocreza> acedido pela última vez a 15/10/2018

⁵¹ Ibidem

4 Regulamento das Aldeias do Xisto⁵²

O regulamento n.º 259/2014 das Aldeias do Xisto abrange o concelho de Castelo Branco, inseridas neste as freguesias de Sarzedas e Alameda. Pretende-se estabelecer legalmente o modo de atuação e intervenção no respetivo concelho, apoiado nos regulamentos municipais, o Plano Diretor Municipal (PDM) ou o Regulamento Municipal de Urbanização e Edificação (RMUE).

No conselho existem duas aldeias inseridas no projeto Aldeias do Xisto, Sarzedas e Martim Branco pelo que nelas se deve aplicar este regulamento.

O regulamento pretende “definir, orientar e controlar a preservação e recuperação do património arquitetónico, urbanístico e paisagístico das Aldeias do Xisto”⁵³.

A Câmara Municipal tem incentivado a reabilitação das aldeias do município, estas por pertencerem a um grupo com valor histórico e patrimonial exigem que esse valor seja mantido nas diversas componentes que o constituem, a “preservação da imagem urbana, muito associada ao turismo e ao comércio local, privilegiando a arquitetura tradicional/erudita e a envolvente paisagística...”⁵⁴, assim sendo são definidos concretamente alguns objetivos que de seguida se transcrevem:

- a) Salvar as preexistências do tecido urbano consolidado, respeitando a estrutura viária, a malha urbana, e, sempre que possível, os edifícios na sua traça original;
- b) Valorizar a estrutura verde urbana, preservando igualmente as zonas verdes de carácter privado (jardins, hortas, quintais, etc.) e assegurar a ligação à paisagem envolvente, em especial à ribeira de Alameda, que circunda a aldeia de Martim Branco na sua parte oeste e na qual foram feitas intervenções relevantes;
- c) Definir os condicionalismos formais e funcionais a considerar em todos os projetos de carácter urbanístico e arquitetónico que se pretendam realizar na área de intervenção abrangida pelo presente Regulamento;
- d) Conservar e valorizar todos os edifícios, conjuntos e espaços relevantes, através da sua reestruturação formal e funcional;
- e) Condicionar a utilização de logradouros e anexos a funções complementares da restante ocupação, salvaguardando o impacto no tecido construído nas suas diversas componentes;

⁵² Decreto-Lei n.º 259/2014 in Diário da República n.º 120/2014, Série II de 2014-06-25, disponível em <https://dre.pt/home/-/dre/25701727/details/maximized>, acedido pela última vez a 16/04/2020

⁵³ Ibidem

⁵⁴ Ibidem

f) Permitir alguma liberdade criativa nas novas intervenções, salvaguardando, no entanto, uma adequada integração no tecido urbano envolvente, respeitando os condicionalismos ao nível da escolha dos materiais, volumetrias e definição cromática propostos neste Regulamento.”⁵⁵.

No regulamento é possível consultar incisivamente o modo como cada um dos pontos acima transcritos deve ser aplicado, no espaço público está descrito como devem ser os espaços públicos, malhas urbanas, mobiliário urbano, publicidade, etc.

O capítulo III aplica-se às edificações, e às três operações urbanísticas que podem ser efetuadas “a) Obras de conservação, (...) (subsecção I); b) Obras de reconstrução/ampliação/alteração, relativo a imóveis onde devem manter -se as características iniciais, sendo o restante passível de alteração nas condições impostas por este Regulamento (subsecção II); c) Obras de demolição/ construção relativo a imóveis que podem ser substituídos por construções novas nas condições impostas por este Regulamento e demais legislação aplicável (subsecção III).”⁵⁶.

Para cada situação quer seja de restauro e obras de conservação (Subsecção I), Obras de reconstrução/alteração e ampliação (Subsecção II) ou Obras de demolição/construção (Subsecção III) estão estabelecidos todos os parâmetros para cada um dos aspetos, por exemplo, coberturas, fachadas, materiais, caixilharias, águas furtadas, etc.

Com importância para o projeto de arquitetura desenvolvido mais à frente inserido na Subsecção II- Obras de reconstrução/alteração e ampliação⁵⁷ é necessário ter presente alguns aspetos a cumprir no que diz respeito a pormenores notáveis e materiais construtivos estando estabelecidas normas para muros e delimitações da propriedade (artigo 15.º), fachadas (artigo 16.º), cimalhas e cornijas (artigo 17.º), platibandas (artigo 18.º), algerozes, caleira e muros de queda (artigo 19.º), claraboias e lanternins (artigo 20.º), águas furtadas, trapeiras e mansardas (artigo 21.º), balcões, alpendres e corpos balançados sobre a via pública (artigo 22.º), pormenores notáveis (artigo 23.º), materiais e cores dos revestimentos exteriores (artigo 24.º), coberturas e revestimentos (artigo 25.º), socos, cunhais, pilastras e molduras (artigo 26.º), cantarias, guarnições, soleiras e peitoris (artigo 27.º), vãos e montras de lojas (artigo 28.º), caixilharias (artigo 29.º), sistemas de vedação de luz (artigo 30.º), guardas (artigo 31.º), ferragens (artigo 32.º), gradeamentos e portões (artigo 33.º), números de policia (artigo 34.º), logradouros (artigo 35.º) e evacuação de fumos e similares (artigo 36.º).

⁵⁵ Decreto-Lei n.º 259/2014 in Diário da República n.º 120/2014, Série II de 2014-06-25, disponível em <https://dre.pt/home/-/dre/25701727/details/maximized>, acedido pela última vez a 08/09/2020

⁵⁶ Ibidem

⁵⁷ Ibidem

5 Martim Branco

Aldeia pacata, do distrito e concelho de Castelo Branco, freguesia de Alameda (Fig.13 e Fig. 14), inserida na Beira Interior Sul (NUT II).⁵⁸



Fig. 13 Martim Branco à escala nacional⁵⁹



Fig. 14 Martim Branco à escala municipal⁶⁰

Com 38 habitantes segundo os Censos 2001⁶¹ é um território montanhoso, com limites naturais, o Rio Tejo e os seus afluentes Ocreza e o Zêzere.⁶²

Nesta aldeia os verões são bastante quentes e os invernos rigorosos com amplitudes térmicas acentuadas e pluviosidade oscilante entre valores médios e altos, a envolvente é bastante arborizada por espécies como o pinheiro, a oliveira, o sobreiro e a azinheira.⁶³

⁵⁸ AA. VV., *Arquiteturas do Xisto*, Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa e pelas Publicações científicas do Laboratório de Valorização do Património LVP, 2006, p. 195

⁵⁹ Esquema/desenho realizado pela autora tendo por base informação do Google Earth

⁶⁰ Esquema/desenho realizado pela autora tendo por base informação do Google Earth

⁶¹ Avaliação da execução do plano diretor municipal de Castelo Branco disponível em https://www.cm-castelobranco.pt/media/4359/avalia%C3%A7%C3%A3o-da-execu%C3%A7%C3%A3o-do-pdmcb-final_2017_castelo-branco.pdf, acessido pela última vez a 08/09/2020

⁶² AA. VV., *Arquiteturas do Xisto*, Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa e pelas Publicações científicas do Laboratório de Valorização do Património LVP, 2006, p. 196

⁶³ *Ibidem*

Localizada entre o campo e a floresta, a organização urbana deste povoado marca fortemente a história e o modo de vida desta população e a sua organização social (Fig. 15).

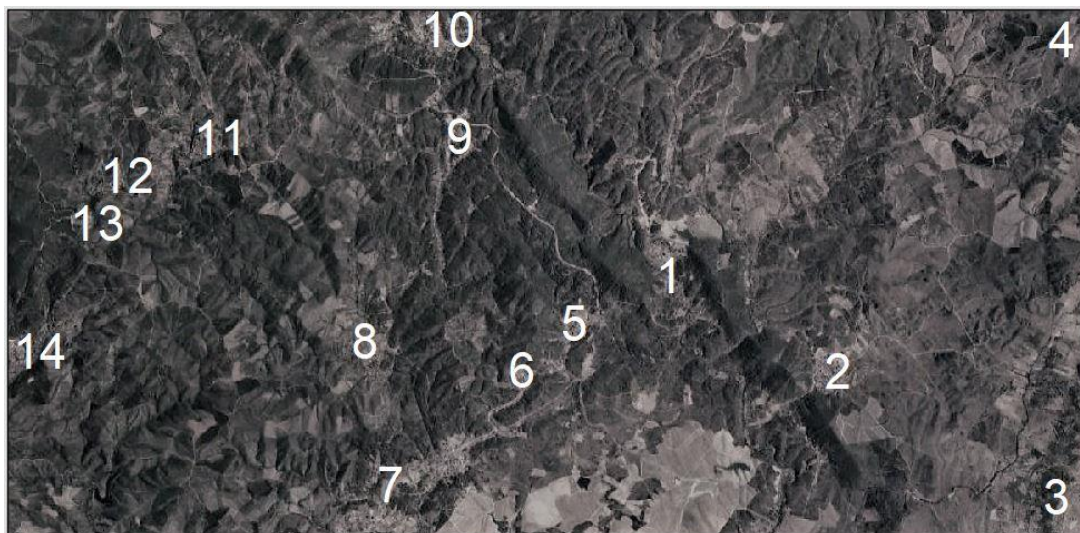


Fig. 15 Aldeias envolventes de Martim Branco⁶⁴

- | | |
|----------------------|-------------------|
| 1- Martim Branco | 8- Maxial |
| 2- Barbaído | 9- Valbom |
| 3- Freixial do Campo | 10- Porto da Vila |
| 4- Ninho do Açor | 11- Paiágua |
| 5- Padrão | 12- Silvosa |
| 6- Vale Bonito | 13- Vinha |
| 7- Vale Ferradas | 14- Cardoso |

As características geográficas marcadas por uma paisagem vigorosa entre serras e vales, as condições de acessibilidade, isolamento e a ruralidade (Fig. 16) são aspetos que compõem a imagem da aldeia que é comum entre as aldeias do interior, por não serem caminho para outras aldeias ou para a cidade, ficam isoladas da freguesia.

⁶⁴ Esquema/desenho realizado pela autora tendo por base informação do Google Earth



Fig. 16 Entrada de Martim Branco⁶⁵

Inserida na freguesia de Alameda com 943 habitantes Martim Branco tem pouca expressividade no conjunto das aldeias que pertencem a Alameda e ao concelho e distrito de Castelo Branco. ⁶⁶ Por isso, inserido num território montanhoso delimitado pelos rios Tejo e Zêzere.⁶⁷

Em terras integradas no processo de romanização que decorrem entre o séc. I e o séc. V por toponímia, tradições, vestígios e descobertas geológicas, os primeiros núcleos de povoamento dispersos pelas áreas de influência da margem direita dos Rios Tejo, Ocreza e seus afluentes.⁶⁸

Esse processo estabeleceu vários limites do território, de hierarquização, administrativo viário e económico. A formação de vilas rústicas marcou o enquadramento rural organizando o território e delimitando a exploração agrícola.

Pertencendo à Egítânia durante o séc. VI, agregou-se à diocese suevo-visigótica, com o mesmo nome, durante a Alta Idade Média.⁶⁹

No período muçulmano através das novas tecnologias agrícolas veio reforçar o carácter agrícola de que já fazia parte, com a implantação de almoínhas, azenhas, moinhos,

⁶⁵ Arquivo da autora

⁶⁶ AA. VV., *Arquiteturas do Xisto*, Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa e pelas Publicações científicas do Laboratório de Valorização do Património LVP, 2006, p. 196

⁶⁷ *Ibidem*, p. 198

⁶⁸ *Ibidem*, p. 198

⁶⁹ *Ibidem*, p. 198

lagares e outras construções em xisto que ainda hoje persistem na vida e na imagem do quotidiano.

A Idade Média Cristã deu continuidade ao caráter rural através da ação das ordens religiosas e dos proprietários terratenentes.

No ano 1186, por ordem do rei D. Sancho I estabeleceram-se em conjunto de medidas de repovoamento e restauro das povoações das zonas fronteiriças, as terras da Beira Interior raiana começaram por pertencer ao concelho da Covilhã. Assim terras e povoados da Ribeira de Alameda foram desanexadas e integradas no concelho de Sarzedas, instituído em 1212⁷⁰.

Em 1186 as atuais terras de Martim Branco pertenciam ao concelho da Covilhã até passarem a constar nas novas unidades municipais com a atribuição do foral das Sarzedas em 1212⁷¹.

Em 1512, o rei D. Manuel I reconheceu que Sarzedas e as suas gentes tinham importância e deu-lhes autonomia para exercer essa influência numa dimensão regional, estabeleceu tal acontecimento no novo foral de Sarzedas⁷².

A extinção do concelho de Sarzedas pela reforma territorial e administrativa imposta pelo Liberalismo em 1848 mantém Martim Branco e as terras de Alameda até à Serra da Gardunha na Freguesia de Sarzedas que passa a pertencer ao concelho de Castelo Branco⁷³.

As alterações administrativas sentidas em Martim Branco não são muito profundas nem drásticas pois as suas alterações foram cronologicamente distantes e, por isso, pouco sentidas.⁷⁴

⁷⁰ AA. VV., *Arquiteturas do Xisto*, Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa e pelas Publicações científicas do Laboratório de Valorização do Património LVP, 2006, p. 198

⁷¹ *Ibidem*, p. 198

⁷² *Ibidem*, p. 198

⁷³ *Ibidem*, p. 198

⁷⁴ *Ibidem*, p. 199



Fig. 17 Vista sob a aldeia⁷⁵

É nestes moldes que cresce a aldeia Martim Branco (Fig. 17) com raízes medievais, representados na organização dos dois núcleos o alteiro, mais antigo, ao abandono e de difícil acesso e o fundeiro ribeirinho, mais recente e acessível relacionado com uma ocupação permanente do espaço mais próximo da ribeira que lhe é paralela, com melhor acessibilidade aos campos de cultivo e possibilidade de diversificação do aproveitamento das águas da Ribeira de Alameda, e considerado o núcleo onde hoje é a aldeia tal como a conhecemos.

Uma economia sustentada na grande maioria na agricultura, pastorícia, pequenos artífices e por equipamentos como moinhos de água, fornos entre outras pequenas estruturas.⁷⁶

⁷⁵ Arquivo da autora

⁷⁶ AA. VV., *Arquiteturas do Xisto*, Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa e pelas Publicações científicas do Laboratório de Valorização do Património LVP, 2006, p. 199

5.1 Morfologia urbana e espaço público

A composição da aldeia tem claras bases na história, no modo de vida da população e na organização social representada pelos dois núcleos existentes na aldeia, o alteiro e o fundeiro.

Martim Branco alteiro, núcleo concentrado entre o campo e a floresta, hoje está ao abandono.

O núcleo fundeiro corresponde à atual aldeia que se desenvolve de forma intuitiva segundo o declive e as curvas de nível de forma linear, paralelamente à Ribeira de Alameda com orientação norte-sudeste (Fig. 18).⁷⁷



Fig. 18 Planta dos principais acessos rodoviários e linha de água⁷⁸

⁷⁷ AA. VV., *Arquiteturas do Xisto*, Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa e pelas Publicações científicas do Laboratório de Valorização do Património LVP, 2006, p. 202

A aldeia foi crescendo tomando como orientação para além do declive e das características geológicas referidas anteriormente, o aglomerado apoiou-se na ribeira situada a sudeste protegendo-se dos ventos e aproveitando a exposição solar que esta posição privilegiada lhe oferece.

Quanto à morfologia na sua forma simples a aldeia desenvolve-se principalmente por uma Rua Principal que acaba por desta forma lhe dar o nome. O aglomerado de Martim Branco tem uma morfologia linear sendo a Rua Principal a raiz pela qual se estende a aldeia, atravessada por outras ruas e travessas que dão acesso à rua secundária quase paralela localizada a oeste, a Rua da Bica (Fig. 19).⁷⁹

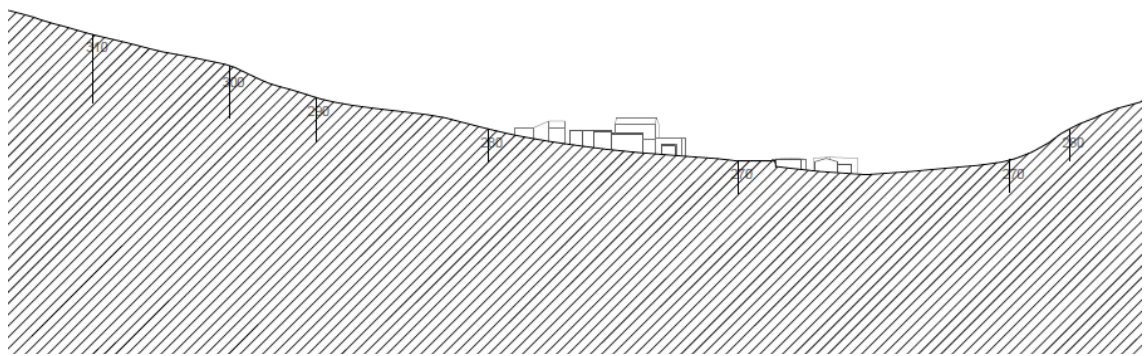


Fig. 19 Corte transversal da aldeia⁸⁰

A Rua da Bica cuja escala é menor em relação à Rua Principal e atualmente contrárias uma da outra tanto na imagem geral das ruas, pelo tipo de piso, um em paralelos de pedra granítica outro em terra, pelas fachadas que dão a cara às ruas, algumas desenquadradas na Rua Principal pelos materiais utilizados, descaracterizados, enquanto que a Rua da Bica se mantém virgem em relação à escala das construções e aos materiais utilizados.⁸¹

Na aldeia não existem elementos centrais como largos e praças, existem outros elementos que lhes configuram esse papel por serem coletivos e se localizarem (pelo menos o principal) na Rua Principal o que confere centralidade normalmente atribuído a elementos urbanos como os largos, as praças, as igrejas ou capelas ou o café da aldeia tomando assim grande importância na aldeia os fornos e as fontes.

⁷⁸ Arquivo da autora

⁷⁹ AA. VV., *Arquiteturas do Xisto*, Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa e pelas Publicações científicas do Laboratório de Valorização do Património LVP, 2006, p. 202

⁸⁰ Arquivo da autora

⁸¹ Aldeias do xisto, disponível em <https://aldeiasdoxisto.pt/aldeia/martim-branco>, acedido pela última vez a 16/04/2020

Pelas ruas da aldeia é possível ver edifícios de habitação, anexos, por vezes isolados outras vezes junto às habitações dando-lhes apoio, por exemplo, uma cozinha construída posteriormente com melhores condições de espaço e de equipamentos, as instalações dos equipamentos coletivos, algumas ruínas e vazios que ou estão ao abandono ou assumem-se como espaços semi- agrícolas entre o edificado, embora o proprietário possa ter um pedaço de terra maior e mais afastado da habitação aproveita esse vazio contíguo à habitação para algumas unidade de cultivo variado, geralmente delimitados por muros de pedra, xisto e pedra rolada da ribeira, estes limites acentual o conceito de espaço interior e exterior e entre público e privado.⁸²

5.2 Tipologias habitacionais

Os edifícios, na maioria destinados à habitação, estão localizados em Martim Branco fundeiro pela proximidade com o elemento água e estão junto à ribeira (Fig. 20).

Para uma melhor leitura dos dados recolhidos contamos com o apoio de um gráfico (Fig. 21) podemos concluir que existem um total de 57 edifícios destinados à habitação distribuídos por dois grupos, os edifícios com um piso e com dois ou mais pisos, correspondendo às tipologias 1 e 2 respetivamente.

As construções são em forma retangular irregular, na generalidade adaptam-se às condições do terreno. As habitações com dois pisos têm os seus espaços bem definidos quanto à utilização dos mesmos, o primeiro destina-se sempre aos animais e às alfaias agrícolas e o segundo destina-se à habitação onde a família se reúne.

O espaço interior contempla uma divisão comum onde se encontra a lareira e onde se cozinha.

⁸² AA. VV., *Arquiteturas do Xisto*, Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa e pelas Publicações científicas do Laboratório de Valorização do Património LVP, 2006, p. 204

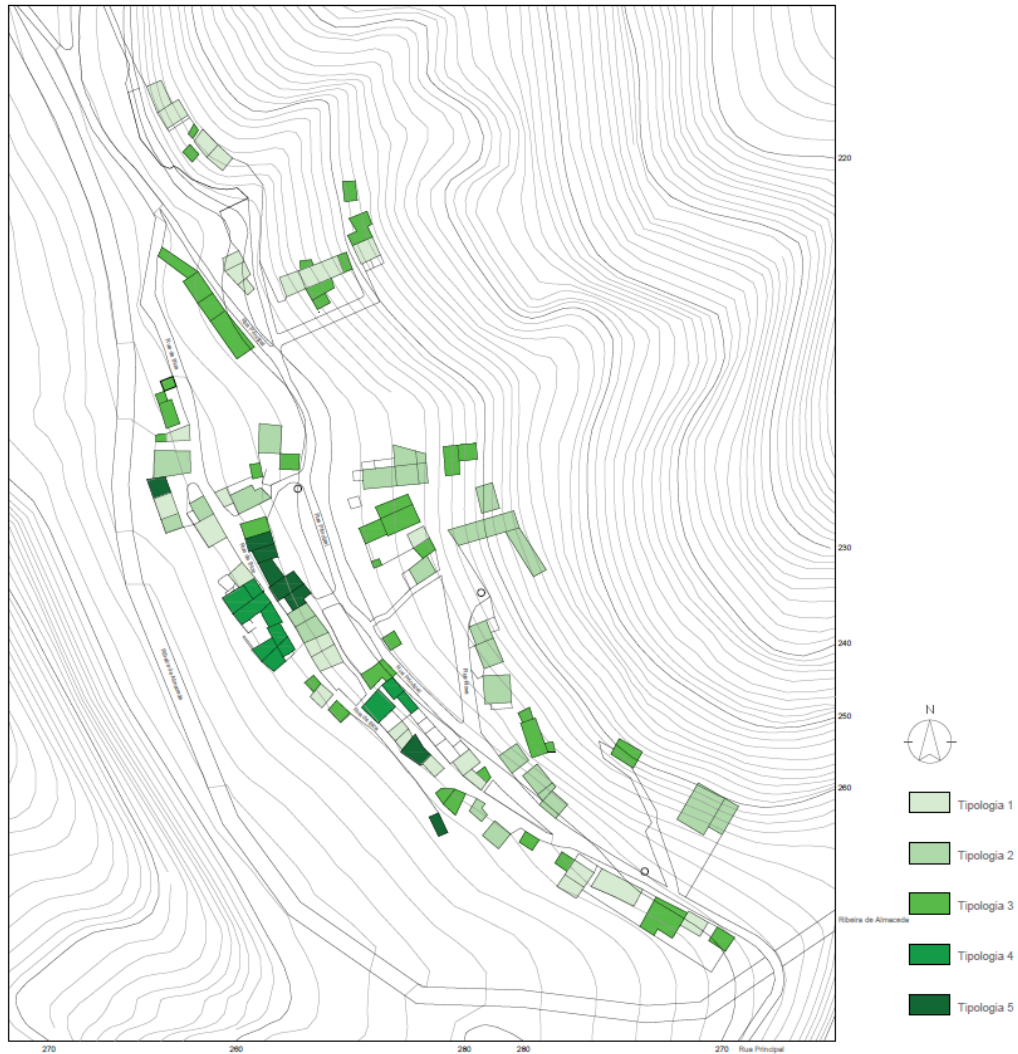


Fig. 20 Planta de tipologias⁸³

Com a ajuda do gráfico (Fig. 21) é possível aferir que existem 41 edifícios destinados a arrumos ou anexos que correspondem à tipologia 3, na planta (Fig.20) podemos ver que a sua distribuição não assume uma localização específica, estão distribuídos pela aldeia de forma aleatória escolhida pela proximidade com as habitações.

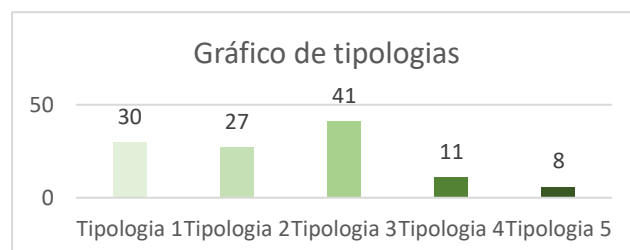


Fig. 21 Gráfico de tipologias⁸⁴

⁸³ Arquivo da autora

⁸⁴ Arquivo da autora

Foi ainda criada outra distinção de tipologia, a que se destina aos serviços, embora existam apenas 2 tipos de serviços estes ocupam 11 edifícios (Fig. 22).

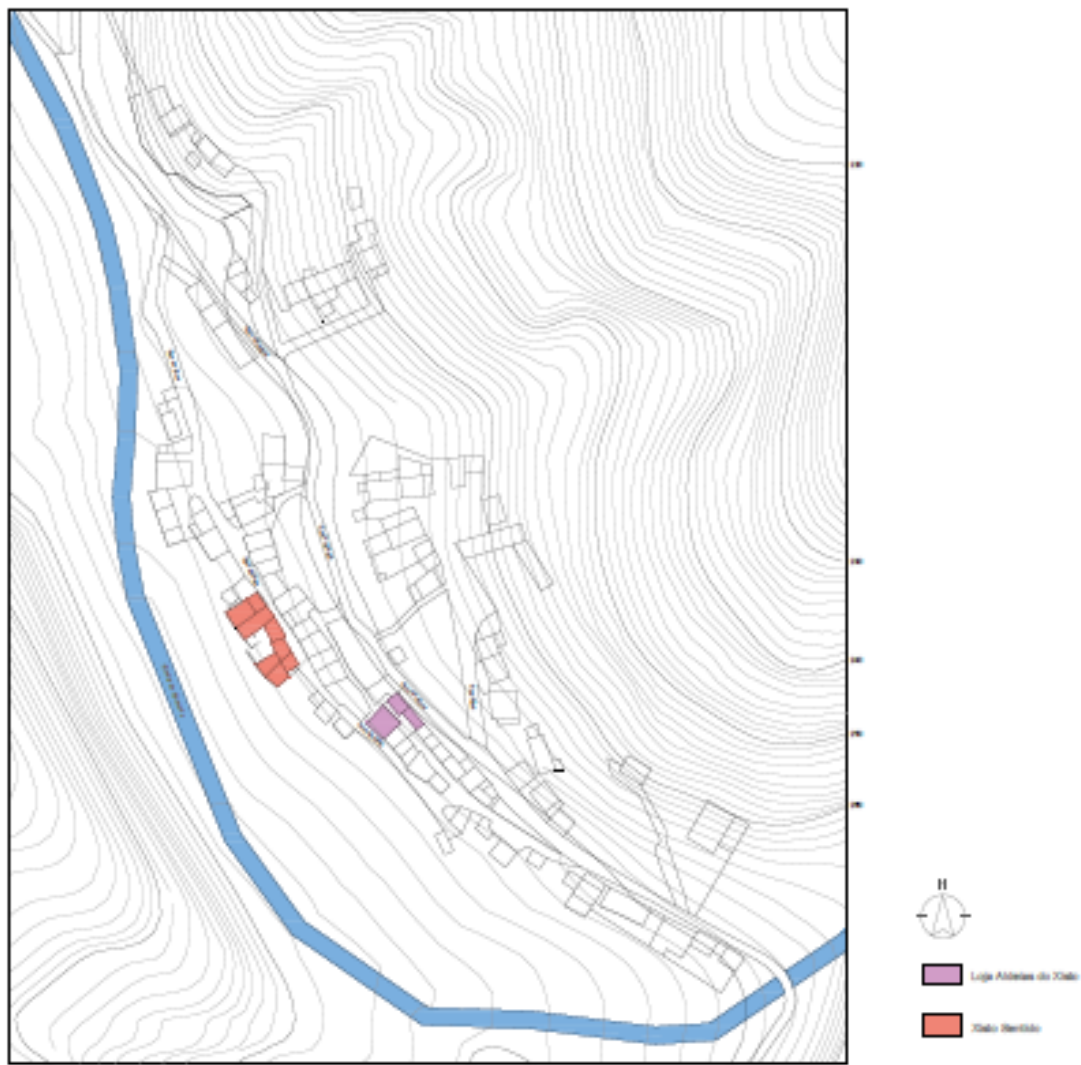


Fig. 22 Planta de localização dos serviços⁸⁵

Um dos serviços destina-se à loja de Aldeias do Xisto (Fig. 23) que conta com alguns produtos regionais e instalações próprias para a cozedura de pão, sendo que o forno se encontra à disposição da comunidade (Fig. 24).

⁸⁵ Arquivo da autora



Fig. 23 Loja Aldeias do Xisto⁸⁶



Fig. 24 Forno comunitário⁸⁷

O outro serviço próximo do anterior (Fig. 25) serve para alojamento intitulado de Xisto Sentido.

⁸⁶ Arquivo da autora

⁸⁷ Arquivo da autora



Fig. 25 Alojamento Xisto sentido⁸⁸

A última tipologia que acaba por ser uma condição da mesma é a ruína, a tipologia 5 refere-se aos edifícios com elevado estado de degradação, são 8 (Fig.26).



Fig. 26 Edifício em ruína⁸⁹

Nas construções onde é necessário vencer desníveis e nas que têm mais de um piso o acesso vertical faz-se pelo exterior, as escadas com a mesma expressão material da habitação posicionam-se paralela ou perpendicularmente ao plano da fachada.

Os telhados são revestidos a telha canudo com espaços entre elas por onde sai o fumo das lareiras por não existirem chaminés.⁹⁰

⁸⁸ Arquivo da autora

⁸⁹ Arquivo da autora

⁹⁰ AA. VV., Arquiteturas do Xisto, Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa e pelas Publicações científicas do Laboratório de Valorização do Património LVP, 2006, p. 206

5.3 Equipamentos revelantes

Os equipamentos revelantes nesta aldeia têm outro carácter, como já foi previamente referido, eles existem enquadrados no modo de vida da população e dos seus costumes, alguns são comunitários como os fornos (Fig. 27), picotas (Fig. 28) e fontanários (Fig. 29), em Martim Branco existiam ainda equipamentos privados, mas que atualmente estão inativos é o caso dos moinhos de água e lagares.



Fig. 27 Forno comunitário ⁹¹



Fig. 28 Picota ⁹²

⁹¹ Arquivo da autora

⁹² Arquivo da autora



Fig. 29 Fonte ⁹³

5.3.1 Moinhos de Água

Em Martim Branco pela proximidade com a Ribeira de Almaceda os habitantes viram nela um meio para a criação de subsistência e tiravam partido da sua energia com a construção de moinhos de água. A construção de moinhos demonstra sabedoria por ser um engenho elaborado em todo o seu processo desde a matéria prima a água através de energia hidráulica ao produto inicial, o cereal que passa por vários processos até se tornar farinha.

A existência de água desde os tempos mais longínquos que era significado de riqueza pelo que ela pode oferecer ou pelo que pode gerar. Outrora pela sua força e abundância, que hoje já não é igual, a água fazia moer cereais geralmente o trigo e assim dava origem à farinha com que faziam pão e se alimentavam os donos do moinho e também os habitantes que por não terem tal equipamento para fazer a farinha estes compravam-na e coziam o pão usando o forno comunitário, eram poucos os que tinham forno próprio.

Junto ao moinho, mas em zona mais elevada como forma de se proteger da água encontrava-se a casa do moleiro.⁹⁴

⁹³ Arquivo da autora

⁹⁴ AA. VV., *Arquiteturas do Xisto*, Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa e pelas Publicações científicas do Laboratório de Valorização do Património LVP, 2006, p. 208

5.3.2 Lagares

Considerados unidades de transformação os lagares antigos como o de Martim Branco estão hoje ao abandono por não terem acompanhado as mais recentes técnicas de extração e mais industrializadas, necessárias até produzir o azeite.⁹⁵

Em Martim Branco o lagar localiza-se à entrada da aldeia junto à Ribeira de Almaceda (Fig. 30).

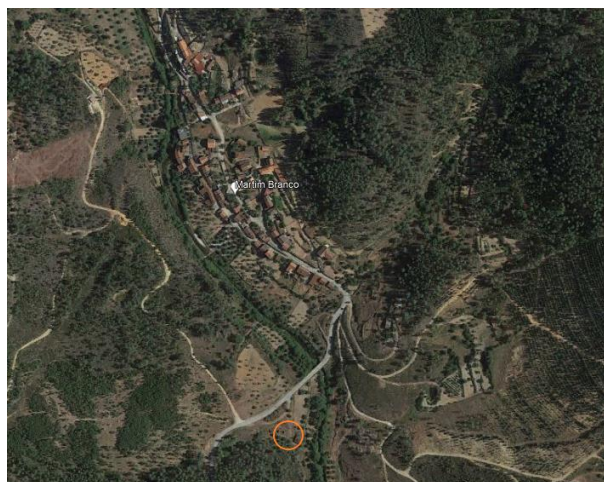


Fig. 30 Localização do lagar 96

O conhecimento da olivicultura e da produção de azeite foi trazido para a Península Ibérica por Romanos, possuíam duas técnicas para a transformação da azeitona, os lagares em parafuso e os lagares de varas, por terem sido os Romanos a trazer estes métodos eles são considerados os mais antigos na história da extração do azeite.

Os lagares estão localizados junto aos rios ou às ribeiras pelo fato da água ser um meio importante para a extração de azeite (Fig. 31).

No lagar a azeitona é moída pelas mós que são movidas pela força hidráulica, depois de moída passa por um conjunto de processos até ser azeite (Fig. 32).⁹⁷

No lagar de Martim Branco embora desativado e em mau estado por abandono ainda é possível ver alguns materiais usados para o fabrico de azeite (Fig. 33).

Os lagares apresentavam uma importância económica significativa no local onde se encontravam.⁹⁸

⁹⁵ AA. VV., *Arquiteturas do Xisto*, Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa e pelas Publicações científicas do Laboratório de Valorização do Património LVP, 2006, p. 210

⁹⁶ Esquema/desenho realizado pela autora tendo por base informação do Google Earth

⁹⁷ Percurso pedestre, disponível em https://www.cm-castelobranco.pt/media/1411/pr7_rota_lagares.pdf, acedido pela última vez a 16/04/2020

⁹⁸ AA. VV., *Arquiteturas do Xisto*, Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa e pelas Publicações científicas do Laboratório de Valorização do Património LVP, 2006, p. 210



Fig. 31 Lagar de Martim Branco⁹⁹



Fig. 32 Interior do lagar/ Objetos¹⁰⁰



Fig. 33 Roda¹⁰¹

⁹⁹ Arquivo da autora

¹⁰⁰ Arquivo da autora

¹⁰¹ Arquivo da autora

5.3.3 Fornos

Já foi referida a importância dos fornos do ponto de vista social por estes assumirem o papel de elementos de convívio geralmente criado em praças, largos, igrejas etc., mas pela sua inexistência na aldeia os fornos têm esse papel aglutinador de encontro e abrigo (Fig. 34).

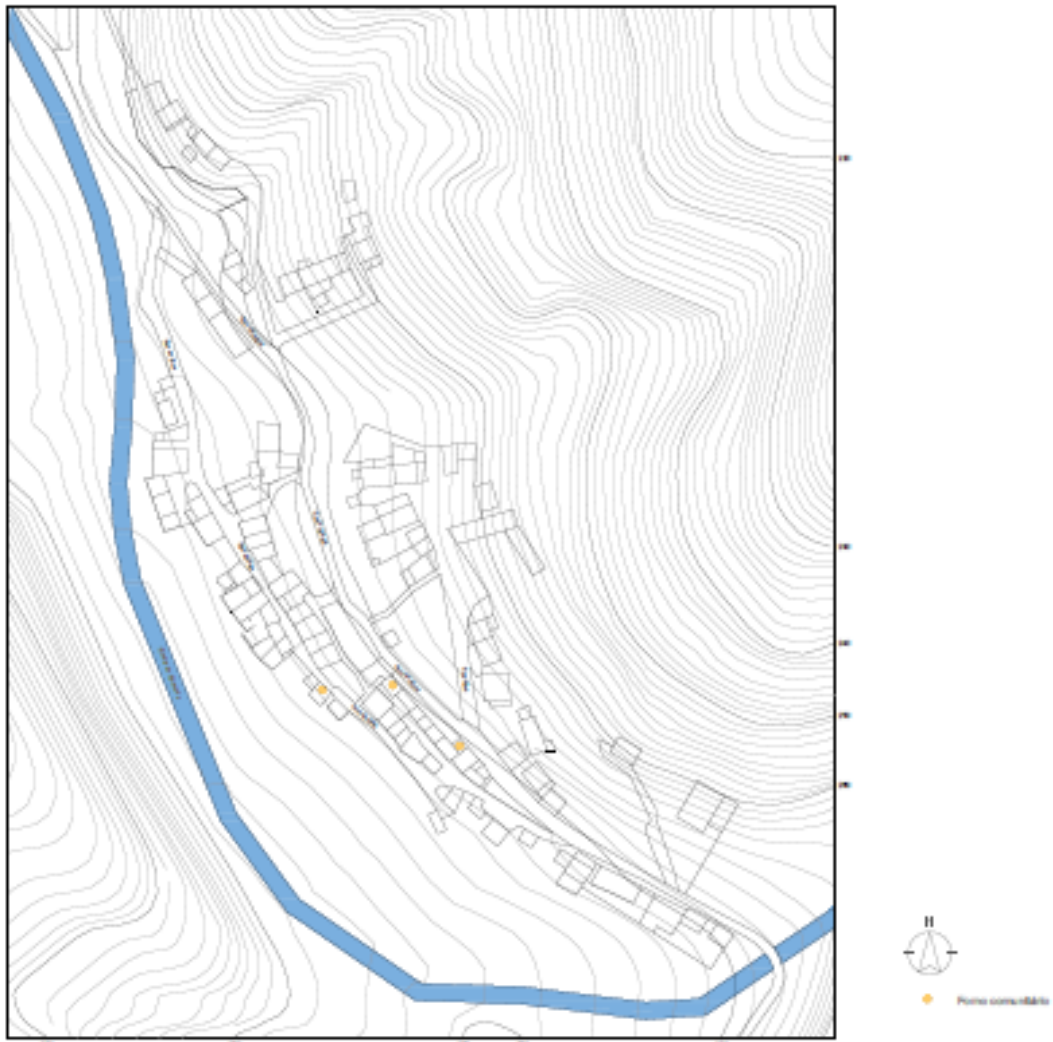


Fig. 34 Planta de localização dos fornos¹⁰²

Os três fornos comunitários de Martim Branco (Fig.35, Fig.36 e Fig.37) são elementos de edificado simples protegidos por duas ou três paredes simples de alvenaria de xisto e cobertura em telheiro com telha de canudo.¹⁰³

¹⁰² Arquivo da autora

¹⁰³ AA. VV., *Arquiteturas do Xisto*, Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa e pelas Publicações científicas do Laboratório de Valorização do Património LVP, 2006, p. 212



Fig. 35 Forno 1¹⁰⁴



Fig. 36 Forno 2¹⁰⁵



Fig. 37 Forno 3¹⁰⁶

¹⁰⁴ Arquivo da autora

¹⁰⁵ Arquivo da autora

¹⁰⁶ Arquivo da autora

5.3.4 Picota ou cegonha

Equipamento mais simples com a função de recolher água dos poços que é utilizada em explorações agrícolas para rega (Fig. 38).¹⁰⁷



Fig. 38 Picota da aldeia¹⁰⁸

5.3.5 Fontanários

Relativamente mais recentes em termos contruídos, os fontanários da aldeia localizam-se em pontos de captação de água preexistentes (Fig.39).

Embora de formas simples as três fontes também são de identidade grupal, criam aglomerados de habitantes onde enquanto se enchem as cantarinhas de barro se conversa.¹⁰⁹

¹⁰⁷ AA. VV., *Arquiteturas do Xisto*, Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa e pelas Publicações científicas do Laboratório de Valorização do Património LVP, 2006, p. 212

¹⁰⁸ Arquivo da autora

¹⁰⁹ AA. VV., *Arquiteturas do Xisto*, Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa e pelas Publicações científicas do Laboratório de Valorização do Património LVP, 2006, p. 212

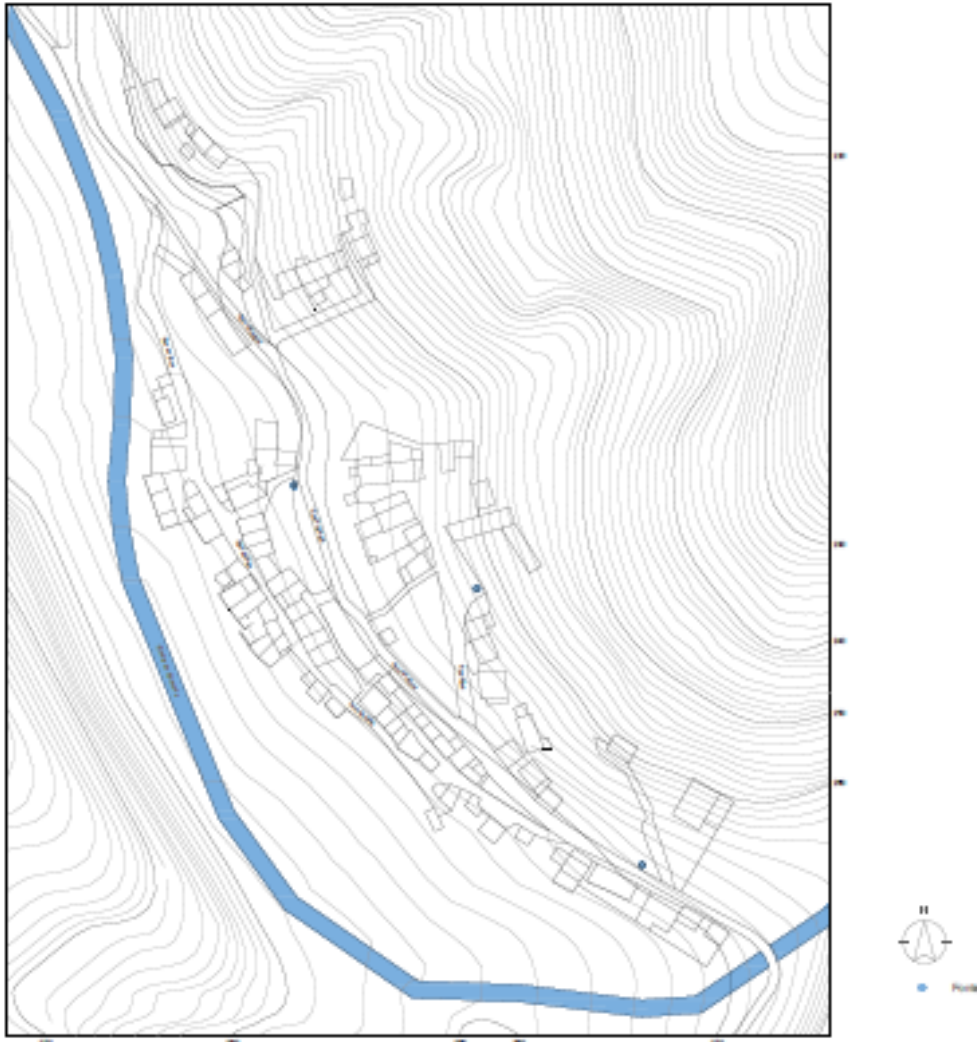


Fig. 39 Planta de localização dos fontanários¹¹⁰

O fontanário número 1 (Fig. 40) tinha inscrita a data de construção, 1980, este era revestido com azulejos iguais aos do fontanário número 3¹¹¹.

O fontanário número 2 (Fig. 41) tem marcada a data de construção que consta de 1980. Podemos concluir que estes foram construídos na mesma altura por terem formas semelhantes, usarem as mesmas técnicas e materiais de construção e revestimento.

O fontanário número 3 (Fig. 42) não tem inscrição de data, pelo que se desconhece o ano de construção.

¹¹⁰ Arquivo da autora

¹¹¹ AA. VV., Arquiteturas do Xisto, Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa e pelas Publicações científicas do Laboratório de Valorização do Património LVP, 2006, p. 213



Fig. 40 Fonte 1 ¹¹²



Fig. 41 Fonte 2¹¹³



Fig. 42 Fonte 3 ¹¹⁴

¹¹² Arquivo da autora

¹¹³ Arquivo da autora

¹¹⁴ Arquivo da autora

5.4 Composição das fachadas

As fachadas de Martim Branco enquanto unidade arquitetónica são características na aldeia não enquanto elementos singulares, mas sim no conjunto.

A sua composição embora simples apresenta um elaborado sentido de estética relativamente à proporção dos vãos enquadrados nas fachadas, à organização, ao ritmo e à forma e características dos vãos.

A composição das fachadas está relacionada com a distribuição interior das divisões na habitação.

A dimensão e posicionamento dos vãos equilibram as fachadas e são posicionados de forma intencional segundo um ritmo regular.

No geral existem quatro tipos de composições de fachadas são elas compostas apenas por um vão de porta (no caso das construções com um piso) estas usadas como anexos (Fig. 43). Algumas compostas por um vão de janela e outro de porta com existência de degraus posicionados paralela ou perpendicularmente à fachada (Fig. 44). Os elementos com dois pisos podem ser compostos com janela e porta com degraus e alpendre (Fig. 45). Outros com dois pisos em que o primeiro serve de arrumos, que nas aldeias se designam por lojas, estas fachadas são compostas por janela, porta com degraus de acesso ao segundo piso, janela e porta da loja.



Fig. 43 Edifício com um vão de porta¹¹⁵

¹¹⁵ Arquivo da autora



Fig. 44 Edifício com um piso e dois vãos¹¹⁶



Fig. 45 Edifício com dois pisos e alpendre¹¹⁷

¹¹⁶ Arquivo da autora

¹¹⁷ Arquivo da autora

As molduras dos vãos podem ser em madeira ou em cantaria de pedra, granito ou xisto, estas usualmente caiadas a branco, o uso da cor intencionalmente aplicado ajuda a equilibrar as fachadas, enunciando apenas aqueles vãos que devem sobressair na fachada (Fig. 46), atualmente o edifício em questão sofreu alterações de reabilitação e o equilíbrio dado pela cor já não é visível (Fig. 47).¹¹⁸



Fig. 46 Edifício com dois pisos¹¹⁹



Fig. 47 Edifício com dois pisos¹²⁰

5.4.1 Vãos

A maioria dos vãos (portas e janelas) são em forma retangular e estão dispostos na vertical nas fachadas, os vãos com formas quadrangulares correspondem a janelas de peito de pequenas dimensões.

As molduras da janela são em cantaria de xisto, o material predominante em Martim Branco embora também existam algumas em cantaria de granito com acabamento bujardado e outras, raras, com lintel em madeira.

Relativamente às caixilharias são em madeira da região (pinho) com acabamento natural ou pintado nos tons mais comuns castanho, verde e azul.¹²¹

¹¹⁸ AA. VV., *Arquiteturas do Xisto*, Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa e pelas Publicações científicas do Laboratório de Valorização do Património LVP, 2006, p. 214

¹¹⁹ *Ibidem*, p. 215

¹²⁰ Arquivo da autora

¹²¹ AA. VV., *Arquiteturas do Xisto*, Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa e pelas Publicações científicas do Laboratório de Valorização do Património LVP, 2006, p. 216

6 Reabilitação em meio rural: estudos de caso

6.1 Aldeamento turístico, Utopia

Este é um projeto de um aldeamento turístico localizado na aldeia de Insalde freguesia do concelho de Paredes de Coura, distrito de Viana do Castelo.¹²² Elaborado pelo atelier Utopia, em 2015, seis casas de campo são convertidas em espaços de turismo rural. O equipamento conta com reabilitação de volumetrias e com construções novas de apoio às primeiras para cumprir o programa necessário num projeto de turismo rural.



Fig. 48 Aldeamento turístico, Utopia¹²³

O aldeamento é constituído por edifícios com dois pisos em que o piso zero se encontra semienterrado com uma fachada cega (Fig. 48).

O projeto do aldeamento considerado em caso de estudo por tratar um conjunto de edifícios com funções similares ao que proponho, alojamento local.

¹²² Insalde e Porreiras, disponível em <http://www.insalde-porreiras.com/>, acedido pela última vez a 16/04/2020

¹²³ Utopia, disponível em <https://www.utopia-projectos.com/obras/aldeamento-turistico/> acedido pela última vez a 09/03/2020

O estudo dos edifícios separados ou contíguos assemelha-se ao meu objeto de estudo pela ideia conceptual de união de edifícios e leitura como conjunto.¹²⁴

Neste caso de estudo o programa adotado para fazer face às necessidades do cliente foi distribuído por edifícios com 2 pisos e 1 piso (Fig. 49).

Edifícios com 2 pisos são compostos por, 1 T2 independente, 2 T2 independentes, 1 T3 independente e 1 T3 independente.

Edifícios com 1 piso são compostos por 1 T2, sala, espaço de refeições, cozinha, despensa, instalações sanitárias mistas.



Fig. 49 Planta do aldeamento¹²⁵

¹²⁴ Utopia, disponível em <https://www.utopia-projectos.com/obras/aldeamento-turistico/> acedido pela última vez a 16/04/2020

¹²⁵ Ibidem

6.2 Sobreiras – Alentejo Country Hotel, FAT - Future Architecture Thinking

Localizado na Serra de Grândola, no Alentejo, o projeto de um hotel da equipa FAT-Future Architecture Thinking de 2015 tem ao seu dispor uma beleza única como é a do Alentejo, o lugar, a sua calma rodeada por sobreiros, carvalhos e oliveiras, tal beleza singular serviu de conceito para o projeto, disfrutar da natureza e descobrir a cultura regional, dispõem de uma área de 2500 m².¹²⁶



Fig. 50 Alentejo Country Hotel em Sobreiras, FAT - Future Architecture Thinking ¹²⁷

As árvores situadas no local serviram de apoio ao desenho de implantação e ditaram a sua posição, de forma a manter os elementos que já pertenciam ao local, as árvores que no Alentejo têm um papel fulcral nos verões que são extremamente quentes.¹²⁸

O edifício de escala diferente àquela que existe em Martim Branco e por ser um edifício novo, em maior número é um exemplo pela forma como os volumes contíguos (Fig. 50)

¹²⁶ Archdaily, disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/785673/sobreiras-nil-alentejo-country-hotel-fat-future-architecture-thinking>, acedido pela última vez a 16/04/2020

¹²⁷ Ibidem

¹²⁸ Ibidem

se ligam e como comunicam os espaços comuns como a receção, a zona de refeições ou de convívio e os privados.¹²⁹

O programa adequado à escala do hotel é um pouco distinto do conceito da aldeia de Martim Branco, embora alguns espaços sejam comuns nos dois projetos este pelo facto de ser um hotel exige outras infraestruturas, são elas a sala polivalente com instalações sanitárias, áreas comuns: Receção, zona de estar, zona de refeições e esplanada. Áreas técnicas como Cozinha (zona de preparação e confeção) e zona de armazenamento dos alimentos. Quanto aos quartos todos eles com instalações sanitárias o hotel dispõe de T0, T2 e T1 com sala (Fig. 51).



Fig. 51 Planta de cobertura¹³⁰

¹²⁹ Archdaily, disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/785673/sobreiras-nil-alentejo-country-hotel-fat-future-architecture-thinking>, acedido pela última vez a 16/04/2020

¹³⁰ Ibidem

6.3 Longroiva Hotel Rural, Rebelo de Andrade Arquitetos

O Hotel Rural em Longroiva surgiu com a reabilitação e ampliação de um antigo edifício das termas do final do séc. XIX o arquiteto responsável pelo projeto é Luís Rebelo de Andrade (Fig. 52).¹³¹



Fig. 52 Longroiva Hotel Rural de Rebelo de Andrade Arquitetos ¹³²

O local onde está implantado, Longroiva situa-se em Mêda, zona vinhateira, com terreno acidentado em zona de montanha entre o Planalto Beirão e o Alto Douro¹³³ e é semelhante a Martim Branco pela sua implantação ser feita em anfiteatro.

¹³¹ Archdaily, disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/789837/longroivas-hotel-and-thermal-spa-luis-rebelo-de-andrade/5764568ee58ece111c00016b-longroivas-hotel-and-thermal-spa-luis-rebelo-de-andrade-photo> acedido pela última vez a 17/04/2020

¹³² Ibidem

¹³³ Mêda, disponível em <https://cm-meda.pt/> , acedido pela última vez a 17/04/2020



Fig. 53 Corte demonstrativo da implantação em anfiteatro¹³⁴

O estudo deste hotel permite perceber como é o arquiteto Rebelo Andrade venceu os desníveis impostos pelo terreno com o edifício semienterrado e como é que conseguiu tirar proveito da luz nos corredores de distribuição (Fig. 53).¹³⁵

Sobre o projeto o arquiteto realça como os muros em xisto tiveram a sua importância no projeto para que não houvesse um corte no terreno estes ajudaram a delimitar a construção serpenteada dos bungalows.¹³⁶

¹³⁴Rebelo de Andrade disponível em https://www.rebelodeandrade.com/pt/projects/hotel-longroiva_17 acedido pela última vez a 08/09/20202

¹³⁵ Archdaily, disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/789837/longroivas-hotel-and-thermal-spa-luis-rebelo-de-andrade/5764568ee58ece11c00016b-longroivas-hotel-and-thermal-spa-luis-rebelo-de-andrade-photo> acedido pela última vez a 17/04/2020

¹³⁶ Rebelo de Andrade disponível em https://www.rebelodeandrade.com/pt/projects/hotel-longroiva_17 acedido pela última vez a 08/09/20202

6.4 Casa em Moledo, Souto de Moura

O projeto da casa de Moledo de Eduardo de Souto de Moura do ano de 1998¹³⁷ é um caso de estudo para este projeto pois a sua abordagem em relação ao terreno enquadra-se na paisagem e tira partido dele integrando-o no projeto criando um quadro natural. Deste modo dá ao corredor da habitação unifamiliar uma imagem que além de ser natural está em constante mudança, com a passagem das estações do ano (Fig. 54), assim deu vida ao corredor que passou a assumir não só a função de distribuidor de divisões, mas um espaço de contemplação.



Fig. 54 Casa em Moledo, Souto de Moura ¹³⁸

¹³⁷ Divisare, disponível em <https://divisare.com/projects/287583-eduardo-souto-de-moura-luis-ferreira-alves-house-in-moledo>, acedido pela última vez a 09/09/2020

¹³⁸ Casa de Moledo, disponível em <https://www.pinterest.pt/pin/449937819005659627/>, acedido pela última vez a 09/03/2020

Nos seguintes cortes (Fig. 55) é possível compreender o declive do terreno, segundo Souto Moura a construção dos muros de contenção e das plataformas que sustentam o edifício neste local tão acidentado custaram mais do que a casa¹³⁹.

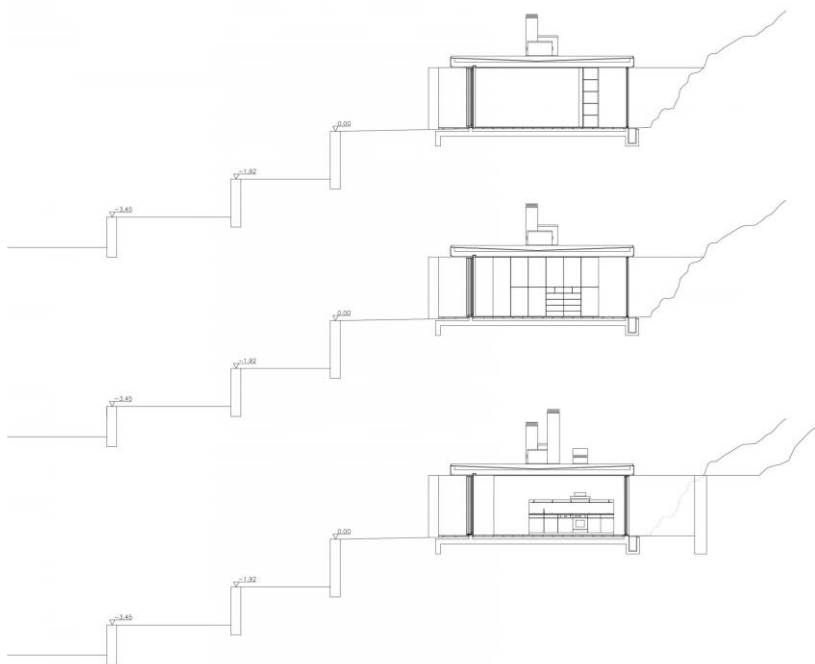


Fig. 55 Desenhos Casa de Moledo¹⁴⁰

¹³⁹ Atlasofplaces, disponível em <https://www.atlasofplaces.com/architecture/casa-en-moledo/>, acedido pela última vez a 09/09/2020

¹⁴⁰ Ibidem

6.5 Quinta de Lemos, Carvalho Araújo Arquitetura e Design

O projeto da pousada e do restaurante gourmet desenvolvido em Passos do Silgueiros, em Viseu, foi elaborado em 2012 pelo atelier Carvalho Araújo Arquitetura e Design¹⁴¹.

O grupo Quinta de lemos está relacionado com a produção vinícola e pretenderam associar a pousada, o restaurante e a vinha no mesmo projeto.

Por estar localizado numa zona vinícola está implantado em terreno montanhoso e foi implantado encastrado no terreno, um edifício em banda que se desenvolve ao longo das curvas de nível, no restaurante o terreno rompe pelo edifício entrando nele e marcando a sua posição como parte integrante do projeto (Fig. 56).

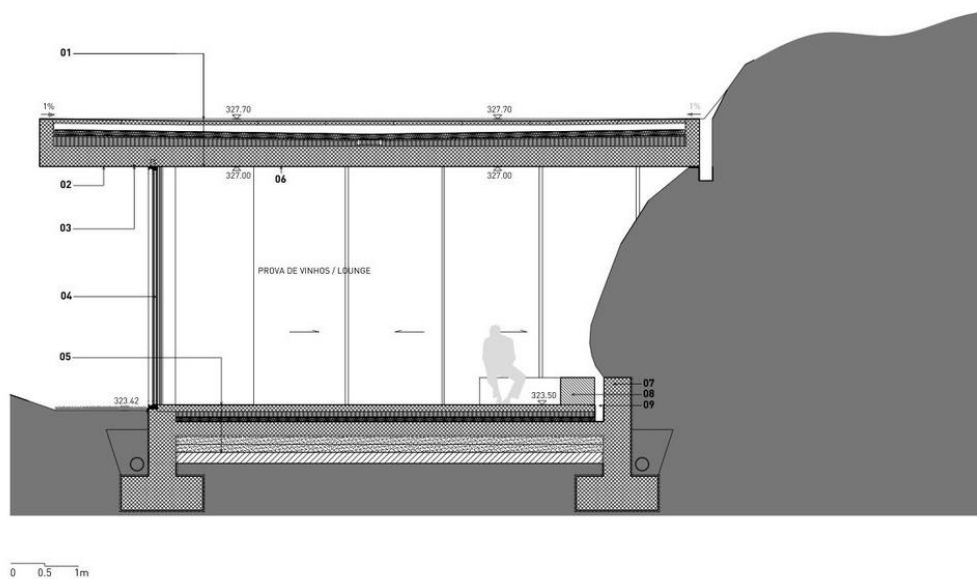


Fig. 56 Desenho construtivo¹⁴²

Uma das fachadas está virada para a vinha, numa zona mais baixa, e para a paisagem, a outra fachada tem com quadro o terreno no seu estado natural e selvagem.

¹⁴¹ Archdaily, disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/01-143641/restaurante-gourmet-de-lemos-slash-carvalho-araujo-arquitetura-e-design>, acedido pela última vez a 17/04/2020

¹⁴² Ibidem

O corredor é apresentado com o quadro natural que é o terreno e as suas rochas (Fig. 57).¹⁴³



Fig. 57 Quinta de Lemos em Passos do Silgueiros, Carvalho Araujo ¹⁴⁴

¹⁴³ Archdaily, disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/01-143641/restaurante-gourmet-de-lemos-slash-carvalho-araujo-arquitectura-e-design>, acedido pela última vez a 17/04/2020

¹⁴⁴ Ibidem

7 Legislação para alojamento local

O conceito alojamento local foi criado pelo Decreto-Lei n.º 39/2008, de 7 de março para criar uma lei que se aplicasse aos serviços de alojamento temporário a turistas, regulamentada através da Portaria n.º 517/2008 têm sido sucessivas as atualizações e o Decreto-Lei n.º 92/2010, de 26 de julho, veio consagrar a possibilidade de inscrição dos estabelecimentos de alojamento local através do Balcão Único Eletrónico, o primeiro decreto-lei sofreu alterações nomeadamente em 2009 e 2014 a última deu origem ao Decreto-Lei n.º 15/2014.¹⁴⁵

Em 2008 foram estabelecidas três modalidades de estabelecimentos de alojamento local, a moradia, o apartamento e o estabelecimento de hospedagem cada um com requisitos mínimos estabelecidos que atualmente ainda se encontram em vigor e que se transcrevem:

“2 — Considera -se «moradia» o estabelecimento de alojamento local cuja unidade de alojamento é constituída por um edifício autónomo, de carácter unifamiliar.

3 — Considera -se «apartamento» o estabelecimento de alojamento local cuja unidade de alojamento é constituída por uma fração autónoma de edifício ou parte de prédio urbano suscetível de utilização independente.

4 — Considera -se «estabelecimento de hospedagem» o estabelecimento de alojamento local cujas unidades de alojamento são constituídas por quartos.”¹⁴⁶

Inseridos nos estabelecimentos de hospedagem estão os denominados “hostel”, sendo que estes têm requisitos próprios que acrescem às demais obrigações impostas.¹⁴⁷

No artigo 4.º do capítulo I está prevista a exploração dos serviços de alojamento local por pessoa singular ou coletiva.¹⁴⁸

Os estabelecimentos de alojamento local consideram-se em funcionamento caso exista exploração e intermediação dos mesmos quando:

¹⁴⁵ Decreto-Lei n.º 128/2014 in Diário da República n.º 166/2014, Série I de 2014-08-29, acedido em <https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/56384880/details/normal?l=1>, disponível pela última vez a 20/04/2020

¹⁴⁶ Ibidem

¹⁴⁷ Ibidem

¹⁴⁸ Ibidem

“a) Seja publicitado, disponibilizado ou objeto de intermediação, por qualquer forma, entidade ou meio, nomeadamente em agências de viagens e turismo ou sites da Internet, como alojamento para turistas ou como alojamento temporário; ou

b) Estando mobilado e equipado, neste sejam oferecidos ao público em geral, além de dormida, serviços complementares ao alojamento, nomeadamente limpeza ou receção, por períodos inferiores a 30 dias.”¹⁴⁹

Para que os estabelecimentos exerçam as suas funções legalmente é necessário o envio de uma comunicação dirigida ao Presidente da Câmara Municipal territorialmente competente com as insígnias do artigo 6.º do capítulo II.

“a) A autorização de utilização ou título de utilização válido do imóvel;

b) A identificação do titular da exploração do estabelecimento, com menção do nome ou firma e do número de identificação fiscal;

c) O endereço do titular da exploração do estabelecimento;

d) Nome adotado pelo estabelecimento e seu endereço;

e) Capacidade (quartos, camas e utentes) do estabelecimento;

f) A data pretendida de abertura ao público;

g) Nome, morada e número de telefone de pessoa a contactar em caso de emergência.”¹⁵⁰

Apesar da comunicação com os parâmetros transcritos acima existem outras obrigatoriedades jurídicas e burocráticas legalmente exigidas para a legalização destes estabelecimentos turísticos.

Para a realização do projeto de arquitetura interessa saber outros aspetos práticos para a conceção do mesmo, nomeadamente a capacidade quanto ao número de utentes, aspetos gerais, requisitos de segurança de carácter obrigatório e estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços.¹⁵¹

Começamos pelos requisitos enunciados no capítulo III, artigo 11.º, relativos à capacidade máxima dos alojamentos de alojamento local, (com exceção aos “hostel” como foi referido têm uma legislação distinta) para estes o limite máximo é de nove quartos e trinta utentes.

¹⁴⁹ Decreto-Lei n.º 128/2014 in Diário da República n.º 166/2014, Série I de 2014-08-29, acedido em <https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/56384880/details/normal?l=1>, disponível pela última vez a 20/04/2020

¹⁵⁰ Ibidem

¹⁵¹ Ibidem

No artigo 12.º do mesmo capítulo estão enumerados requisitos gerais:

- “a) Apresentar adequadas condições de conservação e funcionamento das instalações e equipamentos;
- b) Estar ligados à rede pública de abastecimento de água ou dotados de um sistema privativo de abastecimento de água com origem devidamente controlada;
- c) Estar ligados à rede pública de esgotos ou dotados de fossas sépticas dimensionadas para a capacidade máxima do estabelecimento;
- d) Estar dotados de água corrente quente e fria.

2 - As unidades de alojamento dos estabelecimentos de alojamento local devem:

- a) Ter uma janela ou sacada com comunicação direta para o exterior que assegure as adequadas condições de ventilação e arejamento;
- b) Estar dotadas de mobiliário, equipamento e utensílios adequados;
- c) Dispor de um sistema que permita vedar a entrada de luz exterior;
- d) Dispor de portas equipadas com um sistema de segurança que assegure a privacidade dos utentes.

3 - As instalações sanitárias dos estabelecimentos de alojamento local devem dispor de um sistema de segurança que garanta privacidade.

4 - Os estabelecimentos de alojamento local devem reunir sempre condições de higiene e limpeza.”¹⁵²

No que concerne aos requisitos de segurança (capítulo III, artigo 13.º) os mesmos são diferentes para dois casos possíveis e a diferença está no número de utentes, para os alojamentos locais com mais de 10 utentes existem regras de segurança contra riscos de incêndio, nos termos do disposto no Decreto-Lei n.º 220/2008, de 12 de novembro, e do regulamento técnico constante da Portaria n.º 1532/2008, de 29 de dezembro e para os estabelecimentos de alojamento local inferior a 10 utentes devem ter nas suas instalações extintor e manta de incêndio acessíveis aos utilizadores, equipamento de primeiros socorros acessível e indicação do número nacional de emergência (112) em local visível aos utilizadores.¹⁵³

No artigo 15.º estão decretadas as obrigações para os estabelecimentos de alojamento local considerados estabelecimento de hospedagem, ou seja, aqueles cujas unidades de alojamento são constituídas por quartos e para aqueles em que a autorização de utilização o permita “podem instalar-se estabelecimentos comerciais e de prestação de

¹⁵² Decreto-Lei n.º 128/2014 in Diário da República n.º 166/2014, Série I de 2014-08-29, acedido em <https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/56384880/details/normal?l=1>, disponível pela última vez a 20/04/2020

¹⁵³ Ibidem

serviços, incluindo os de restauração e de bebidas, sem prejuízo do cumprimento dos requisitos específicos previstos na demais legislação aplicável a estes estabelecimentos.”.¹⁵⁴

Para melhor identificação dos estabelecimentos de hospedagem estes devem afixar-se, no exterior, junto à entrada principal, uma placa com características normativas quanto à cor e às medidas específicas.

As placas identificativas (Fig. 58) são de material acrílico cristal transparente, extrudido e polido, com 10 mm de espessura com a dimensão de 200mm x 200mm, o tipo de letra é Arial 200 à cor azul escura (pantone 280). As placas são aplicadas na parede à distância de 50 mm, fixadas com parafusos de aço inoxidável em cada canto com 8mm de diâmetro e 60 mm de comprimento.¹⁵⁵



Fig. 58 Modelo da placa de AL ¹⁵⁶

Nos termos do disposto no Decreto-Lei n.º 128/2014 estão consignados mais artigos impostos do interesse do/dos proprietários dos estabelecimentos, o decreto-lei estabelece como se processam fiscalizações e sanções assim como seus valores, nele também consta o processo do sistema informático a que estão obrigados a preencher e a manter atualizado entre outros assuntos.¹⁵⁷

¹⁵⁴ Decreto-Lei n.º 128/2014 in Diário da República n.º 166/2014, Série I de 2014-08-29, acedido em <https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/56384880/details/normal?l=1>, disponível pela última vez a 20/04/2020

¹⁵⁵ Ibidem

¹⁵⁶ Ibidem

¹⁵⁷ Ibidem

8 Proposta

8.1 Contextualização e programa

O fato de Martim Branco estar inserido na rede de Aldeias do Xisto, obriga a que esta tenha de dar resposta às suas necessidades para que a ligação entre as aldeias não se quebre.

Frequentemente feita a rota entre as Aldeias do Xisto por turistas, mas também por desportista de BTT, canoagem e de percursos pedestres, estes por vezes deslocam-se de zonas distantes e procuram um local para ficar.

O alojamento Xisto Sentido, serviço disponível em Martim Branco, com 4 quartos disponíveis não consegue fazer face à procura que como já foi referido é bastante variada, desta forma a proposta de reabilitação que apresento é mais uma oferta para essas situações, além da parte prática do objetivo da proposta já referi outros objetivos que movem esta motivação, o abandono rural, com esta reabilitação o número de hóspedes em Martim Branco é espectável que aumente e assim devolva movimento à aldeia.

A proposta de reabilitação centra-se nos edifícios localizados no centro de Martim Branco, um conjunto de seis edifícios contíguos em ruína que entendo ser fundamental a sua reabilitação pois são uma mancha marcante na imagem da aldeia (Fig.59) o possível consultar no anexo 2 da dissertação as fichas técnicas sobre cada um destes edifícios de forma individual com peças desenhadas esquemáticas da sua estrutura.



Fig. 59 Objeto de estudo¹⁵⁸

¹⁵⁸ Arquivo da autora

A aldeia está rodeada por pinheiros, e os edifícios situados na Rua da Bica estão inseridos na malha urbana da aldeia, deste modo são rodeados por outros edifícios destinados à habitação e pelo serviço de alojamento referido anteriormente (Fig. 60), do lado este (Fig. 61) existe um vazio urbano a que os edifícios não têm acesso direto, pois os edifícios e o vazio vencem um desnível de 2 metros.



Fig. 60 Localização dos edifícios¹⁵⁹



Fig. 61 Vista do lado este¹⁶⁰

¹⁵⁹ Esquema/desenho realizado pela autora tendo por base informação do Google Earth

¹⁶⁰ Arquivo da autora

Proponho para o projeto de alojamento local um programa composto por um T2 destinado a uma família ou um grupo de até 4 pessoas, um T0 para mobilidade reduzida, com todos os elementos que esta condição implica, dois T0, uma receção, sala de refeições e uma sala de convívio com o apoio de uma instalação sanitária mista com acessibilidade a mobilidade reduzida, uma zona técnica com cozinha, despensa, balneário e instalação sanitária e ainda um espaço exterior com piscina.

8.2 Memória descritiva e justificativa

A proposta de reabilitação dos seis edifícios assenta na ideia de casa dividida, isto é, embora sejam 6 edifícios distintos com uma área bruta de 325m² o fato de a proposta ser de um único projeto, o de alojamento local este permite que os utilizadores percorram livremente os edifício/os seus quartos. Justificando assim os dois acessos permitidos aos quartos, um pelo exterior, Rua da Bica e outro pelo corredor de distribuição que assume a função de galeria viva.

O elemento que marca uma forte presença na aldeia é o xisto, podemos ver a sua utilização como alvenaria, pavimento, decoração, etc, por esse motivo o xisto assume neste projeto o papel de obra de arte da galeria viva, um corredor que dá acesso aos quartos do lado oeste e do este um envidraçado com o xisto como fundo, o objeto da galeria é o terreno subterrâneo do vazio do lado este dos edifícios, um terreno xistoso em que o xisto se altera ao longo do tempo com as condições atmosféricas e as estações do ano.

O vazio foi tratado como espaço de lazer com uma área bruta de 563m², com piscina, a única na aldeia, a sua instalação é procurada pelos turistas que visitam a aldeia principalmente no verão pois como aldeia do interior que é, o verão é bastante quente e seco. No vazio foram criados lugares de estacionamento, alguns no interior do limite do vazio cinco sendo que um é para mobilidade reduzida e outros quatro no exterior.

Constituídos apenas por um piso os edifícios têm acesso ao espaço exterior através de duas comunicações verticais com o apoio de uma plataforma elevatória disponível para os casos de mobilidade reduzida.

A materialidade do projeto baseia-se principalmente nos materiais locais, pois o regulamento das Aldeias do Xisto assim o exige, são eles o xisto, como elemento estrutural dos edifícios e a madeira pinho usada em portas, janelas e pavimentos.

O espaço exterior delimitado por um muro em xisto com 30 cm de largura e 1 metro de altura demarca o espaço atribuindo-lhe um caráter privado e de privacidade pois a Rua Principal e o espaço exterior estão à mesma cota, com a piscina localizada nesse espaço exterior embora esta com um desnível de 1 metro o muro e a vegetação têm com função proteger da vista dos transeuntes.

Nesse espaço o pavimento utilizado é o xisto em tiras (Fig.62) 25cmx6cmx4cm pela sua resistência e aderência é o material escolhido para o exterior, ainda no exterior um deck em madeira para exterior em pinho antiderrapante Thermowood¹⁶¹ 27cmx145cmx2,5cm. O restante pavimento é em relva que envolve a piscina.



Fig. 62 Xisto em tiras¹⁶²

No logradouro exterior onde se situa um dos acessos verticais e a plataforma para mobilidade reduzida, esta a uma cota 2 metros inferior ao vazio tem no pavimento pedra natural ardósia da Porcelanosa, o modelo Nepal Natural¹⁶³ 60cmx90cmx1,5cm.



Fig. 63 Pedra natural ardósia¹⁶⁴

¹⁶¹ Jular, disponível em <https://www.jular.pt/produtos/decks/deck-madeira-macica>, acedido pela última vez a 15/09/2020

¹⁶² Olhares, disponível em <https://olhares.com/chao-de-xisto-foto4428002.html>, acedido pela última vez a 15/09/2020

¹⁶³ Porcelanosa, disponível em <https://www.porcelanosa.com/pt/revestimento/ardosia/>, acedido pela última vez a 15/09/2020

¹⁶⁴ Ibidem

No interior mantem-se a escolha de materiais característicos da zona, começamos pelo pavimento tacos em madeira maciça de Carlos Carrilho¹⁶⁵ em pinho com verniz aquoso mate incolor assente diretamente sobre a betonilha de regularização como recomenda o fornecedor com 21cmx7cmx2cm, este pavimento cobre toda a área interior dos edifícios à exceção das zonas húmidas (instalações sanitárias) e das zonas técnicas, de cozinha, despensa e balneários, a escolha do pinho para além de ser uma matéria local a sua cor clara quando comparada com outras madeiras e pelo acabamento escolhido, mate incolor, dá destaque às paredes em xisto presentes em todos os espaços.

Nas instalações sanitárias estas com o branco de fundo tomam um pavimento cerâmico mais escuro, o Bedrock Dark 120cmx60cm da Gresart¹⁶⁶.



GPR 0696
Bedrock Dark
120 x 60 cm

Fig. 64 Pavimento Bedrock Dark¹⁶⁷

Para revestimento das mesmas o mesmo modelo, com as mesmas medidas, mas numa cor clara, o Bedrock Light.



GPR 0692
Bedrock Light
120 x 60 cm

Fig. 65 Revestimento Bedrock Light¹⁶⁸

¹⁶⁵ Carlos Carrilho, disponível em [http:// www.carloscarrilho.pt/pavimentos-em-madeira](http://www.carloscarrilho.pt/pavimentos-em-madeira), acedido pela última vez a 15/09/2020

¹⁶⁶ Gresart, disponível em https://www.gresart.pt/pt/bedrock_23.html?p=82, acedido pela última vez a 15/09/2020

¹⁶⁷ Ibidem

¹⁶⁸ Ibidem

Na zona técnica o pavimento e o revestimento da Gresart o modelo Bedrock Light quadrado de 90cmx90cm.



GPR 0692
Bedrock Light
90 x 90 cm

Fig. 66 Pavimento e revestimento Bedrock Light¹⁶⁹

Em todos os edifícios existe pelo menos uma parede em xisto à vista, para manter sempre o exterior presente no interior, no T2 é a parede do corredor que tem essas características, nos T0 é a parede de cabeceira da cama.

Na constituição das paredes temos as paredes exteriores compostas por alvenaria Xisto 40cm, caixa de ar 5 cm, isolamento poliestireno extrudido (XPS) 5 cm, alvenaria de tijolo 15 cm e reboco interior 1,5 cm e caso de applique revestimento 0,08 cm.

As paredes interiores com reboco 1,5 cm, alvenaria de tijolo 11cm e reboco interior 1,5 cm.

A cobertura é inclinada em quatro dos seis edifícios é de duas águas, nas restantes de uma água de baixo para cima são constituídas por reboco interior 1,5 cm caso essa divisão não tenha teto falso, estrutura em betão 25 cm, isolamento poliestireno extrudido (XPS) 7cm, sub-telha e telha canudo.

As lajes em betão armado de baixo para cima são compostas por uma dupla camada de impermeabilização, camada de betão de limpeza 5 cm, laje de piso térreo em betão 20 cm, manta geotêxtil, Isolamento em poliestireno extrudido (XPS) 7 cm, camada de betonilha de regularização 8cm e pavimento.

¹⁶⁹ Gresart, disponível em https://www.gresart.pt/pt/bedrock_23.html?p=82, acessado pela última vez a 15/09/2020

9 Conclusão

A dissertação apresentada é o culminar de um estudo que partiu do geral para o particular, cumprido o objetivo da proposta de reabilitação esta resultou de outras etapas para melhor compreender o lugar, o espaço e os habitantes e assim ajustar coerentemente a proposta.

Com este trabalho pretendeu-se “trazer de volta a vida” à aldeia de Martim Branco, embora esse propósito ainda não esteja concretizado por este trabalho ser apenas uma proposta académica ainda assim a aldeia de Martim Branco e as Aldeias do Xisto foram lembradas e faladas nesta explanação o que contribuiu para a sua lembrança, por esse motivo podemos dizer que as aldeias do interior ainda não estão esquecidas.

A contextualização e o enquadramento da proposta cimentaram conceitos fundamentais para a arquitetura, assim como para o território onde se insere a proposta.

O levantamento fotográfico, cartográfico e de características individuais de cada edifício da aldeia pode servir de ferramenta de trabalho para outras propostas, elevando assim a sua importância nesta dissertação e nos demais trabalhos que se possam vir a realizar.

A proposta de reabilitação do conjunto dos edifícios devolutos, consegue limpar a mancha que estes causavam na imagem da aldeia, que como pudemos ver era a maioria dos edifícios em ruína assim como a área exterior que está ao abandono e que a proposta conseguiu valorizar.

Os materiais propostos correspondem aos utilizados localmente, é essencial esse respeito pelo local cumprindo o regulamento existente que fornece leis fundamentais que visam preservar os lugares mantendo a sua identidade.

Quando uma obra é feita numa aldeia não é apenas a aldeia que ganha reconhecimento e valorização é também a rede de Aldeias do Xisto que por funcionar em rede uma obra torna-se uma mais valia para todo o programa, mas quem mais ganha com essas obras são os habitantes que todos os dias do ano lá vivem, muitas vezes isolados e em solidão, os arquitetos projetam sempre para as pessoas.

10 Bibliografia

Bibliografia Literária

AA. VV., Arquiteturas do Xisto, Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa e pelas Publicações científicas do Laboratório de Valorização do Património LVP, 2006

AMARAL, Francisco Keil do, LOBO, José, Arquitetura Popular em Portugal, Lisboa: Associação dos Arquitetos Portugueses; 2ª Edição, 1980

LEAL, João, Arquitetos, engenheiros, antropólogos: estudo sobre arquitetura popular no século XX português, Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva, 2009

RODRIGUES, Henrique António Abreu, Reabilitação do Património Rural, Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo, Vila Nova de Cerveira: Escola Superior Gallaecia, 2015

Rotas do xisto nº4 série II-Semestral

SILVA, Tiago Emanuel Castela da, Intervenções “Cirúrgicas” Em património Arquitetónico, Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura, Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2017

Bibliografia Web

ADXTUR, disponível em https://aldeiasdoxisto.pt/sites/default/files/Termo%20de%20Ades%C3%A3o_ADXTUR.pdf, acessado pela última vez a 20/04/2020

Aldeias do Xisto, disponível em <https://aldeiasdoxisto.pt/aldeias>, acessado pela última vez a 31/03/2020

Avaliação da execução do plano diretor municipal de Castelo Branco disponível em https://www.cm-castelobranco.pt/media/4359/avalia%C3%A7%C3%A3o-da-execu%C3%A7%C3%A3o-do-pdmcb-final_2017_castelo-branco.pdf, acessado pela última vez a 08/09/2020

Campeonato Europeu de Downhiil, disponível em <http://www.cinetica.pt/como-chegar/>, acessado pela última vez a 20/04/2020

Carlos Carrilho, disponível em <http://www.carloscarrilho.pt/pavimentos-em-madeira>, acessado pela última vez a 15/09/2020

Gresart, disponível em https://www.gresart.pt/pt/bedrock_23.html?p=82,
acedido pela última vez a 15/09/2020

JORGE, Pedro Fonseca, A arquitetura popular como transição entre o vernáculo e o erudito: Uma tentativa de definição dos diferentes contextos arquitetónicos de raiz não-erudita, ESG-Escola Superior Gallaecia, disponível em https://www.researchgate.net/publication/332080156_A_ARQUITETURA_POPULAR_COMO_TRANSICAO_ENTRE_O_VERNACULO_E_O_ERUDITO_Uma_tentativa_de_definicao_dos_diferentes_contextos_arquitetonicos_de_raiz_ao-erudita,
acedido pela última vez a 08/09/2020

Jular, disponível em <https://www.jular.pt/produtos/decks/deck-madeira-macica>,
acedido pela última vez a 15/09/2020

Olhares, disponível em <https://olhares.com/chao-de-xisto-foto4428002.html>,
acedido pela última vez a 15/09/2020

Ordem dos Arquitectos disponível em <https://www.arquitectos.pt/index.htm?no=2020492816>,
acedido pela última vez a 21/03/2020

PINHEIRO, Elisa Calado, 2014, A Beira Interior: de mosaico de paisagem a região identitária, ubimuseum Revista online do museu de lanifícios da universidade da beira interior, p. 71, disponível em http://www.ubimuseum.ubi.pt/n03/_edit/ubimuseum03-print-folder/ubimuseum.03.pdf,
acedido pela última vez a 31/03/2020

Porcelanosa, disponível em <https://www.porcelanosa.com/pt/revestimento/ardosia/>,
acedido pela última vez a 15/09/2020

Salvado, J., Martins, AMT, Nepomuceno, MCS, From Popular to Contemporary: a Review on Portuguese Vernacular Architecture, 2019, disponível em <https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/7145/1/JS%2c%20AM%2c%20MN-%20A%20Review%20on%20Port.%20Vernacular%20Architecture%2c%20REHAB2019%2c%20Guimar%3%a3es%2c%202019.pdf>,
acedido pela última vez a 08/09/2020

1 Anexos

11.1 Anexo 1



Nº	Rua	Lote	Uso dominante	Estado	Nº Pisos	A cima	A baixo	Cobertura	Telha	Nº Águas	Caleiras	Paredes exteriores	Cores	Orientação F.P.	Caixa/lharia	Cores	Vidro	Soleira
1	Bica	Bica	Bica	Bica	Bica	Bica	Bica	Bica	Bica	Bica	Bica	Bica	Bica	Bica	Bica	Bica	Bica	Bica
1'	Bica	-	Arrumos	-	1	1	-	Inclinada	Francesa	1	-	Xisto	-	SO	Madeira	Verde/Branco	Simplex	-
1"	Bica	-	Arrumos	-	1	1	-	Inclinada	Canudo	1	-	Reboco	Branco	SO	Madeira	Verde/Branco	Simplex	Xisto
2	Bica	4	Habituação	Hab.	2	2	-	Inclinada	Lusa	2	Zinco	Reboco	Branco	NE	Madeira/Alumínio	Castanho	Simplex	Cimento
3	Bica	-	Arrumos	-	1	1	-	Inclinada	Chapa/Canudo	1	-	Xisto	-	NE	Ferro/Alumínio	Castanho/Cinza	-	Xisto
4	Bica	-	Habituação	Temp.	1	1	-	Inclinada	Canudo	2	-	Xisto	-	SO	Madeira	Verde/Branco	Simplex	Xisto
4'	Bica	-	Arrumos	-	1	1	-	Inclinada	Canudo	1	-	Xisto	-	SO	-	-	-	Xisto
5	Bica	5	Habituação	Desab.	1	1	-	Inclinada	Lusa	2	Zinco	Reboco	Branco	SO	Alumínio	Verde	Simplex	Xisto
6	Bica	-	Arrumos	-	1	1	-	Inclinada	Canudo	1	-	Tijolo s/ reboco	-	NO	-	-	-	-
7	Bica	-	Habituação	Desab.	2	2	-	Inclinada	Lusa	2	-	Reboco	Cimento	NE	Alumínio	Vermelho	-	Xisto
8	Bica	8	Habituação	Desab.	2	2	-	Inclinada	Canudo	2	-	Reboco	Cimento	NE	Madeira/Alumínio	Vermelho	Simplex	Xisto
9	Princípal	-	Habituação	Temp./ Reab.	2	2	-	Inclinada	Canudo	2	-	Xisto	-	NE	Madeira	Castanho	Simplex	Xisto
9'	Princípal	-	Princípal	-	Princípal	-	Princípal	-	Princípal	-	Princípal	-	Princípal	-	Princípal	-	Princípal	-
10	Princípal	7	Habituação	Hab.	1	1	-	Inclinada	Lusa	2	Zinco	Reboco	Branco/Amarelo	SE	Alumínio	Verde	Simplex	Granito
10'	Princípal	7	Arrumos	-	1	1	-	Inclinada	Chapa metálica	1	-	Reboco	Branco/Amarelo	NO	Alumínio	Verde	Simplex	Granito
11	Princípal	-	Serviço	Forno Comu.	-	-	-	Inclinada	Canudo	2	-	Xisto	-	NE	-	-	-	Xisto
12	Nova	-	Habituação	Hab.	2	2	-	Inclinada	Lusa	4	-	Reboco	Cimento	SE	Alumínio	Cinza	Simplex	Mármore
13	Nova	-	Habituação	Temp./ Reab.	2	2	-	Inclinada	Canudo	2	-	Xisto/Reboco	Branco	SO	Madeira	Castanho	Simplex	Xisto
14	Nova	-	Habituação	Desab.	3	3	-	Inclinada	Lusa	2	-	Reboco	Cimento	SO	Madeira/Alumínio	Castanho/Azul	Simplex	Cimento
15	Nova	-	Habituação	Temp./ Reab.	2	2	-	Inclinada	Lusa	4	-	Xisto	-	SE	Alumínio	Verde	Duplos	Xisto
15'	Nova	-	Arrumos	-	1	1	-	Inclinada	Lusa	1	-	Xisto	-	SE	Alumínio	Verde	Duplos	-
16	Nova	-	Habituação	Hab.	2	1	1	Inclinada	Lusa	2	Zinco	Reboco	Branco	NE	Alumínio	Verde	Simplex	Xisto
16'	Nova	-	Arrumos	-	1	1	-	Inclinada	Lusa	1	-	Reboco	Cimento	NE	-	-	-	-
16"	Nova	-	Arrumos	-	1	1	-	Inclinada	Lusa	1	-	Reboco	Cimento	NE	-	-	-	-
17	Nova	-	Habituação	Temp.	2	2	-	Inclinada	Lusa	2	Zinco	Reboco	Branco	O	Ferro	Verde	Simplex	Cimento
18	Nova	-	Arrumos	-	1	1	-	Inclinada	Marselha	2	-	Tijolo s/ reboco	-	S	Ferro	Verde	-	Cimento
19	Nova	-	Habituação	Desab.	2	2	-	Inclinada	Canudo	2	-	Xisto/Reboco	-	S	Ferro	Castanho	Simplex	Cimento
20	Nova	-	Habituação	Hab./Reab.	2	2	-	Inclinada	Canudo	4	Zinco	Xisto	-	S	Madeira	Castanho	Simplex	Xisto
21	Nova	-	Arrumos	-	1	1	-	Inclinada	Marselha	2	-	Xisto	-	N	Ferro	Castanho	Simplex	Xisto
22	Princípal	-	Arrumos	-	1	1	-	Inclinada	Canudo/Fibrocimento	1	-	Xisto	-	S	Alumínio	Cinza	-	-
23	Princípal	-	Arrumos	-	2	1	1	Inclinada	Lusa	2	-	Reboco	Cimento	S	Ferro	Verde	Simplex	Cimento
24	Nova	-	Habituação	Temp./Reab.	2	2	-	Inclinada	Canudo	2	-	Xisto	-	E	PVC-imita madeira	Castanho	Duplos	Xisto
24'	Nova	-	Arrumos	-	1	1	-	Inclinada	Canudo	1	-	Xisto	-	S	Ferro	Castanho	-	Cimento
25	Bica	-	Habituação	Hab.	1	1	-	Inclinada	Lusa	1	Zinco	Blocos Reboco	Cimento	S	Madeira/Alumínio	Verde	Simplex	Xisto
26	Bica	-	Arrumos	-	1	1	-	Inclinada	Canudo	2	-	Xisto	-	SO	Madeira/Ferro	Natural/Azul	-	Xisto
27	Bica	-	Habituação	Ruína	1	1	-	Inclinada	Canudo	-	-	Xisto	-	SO	Madeira/Ferro	Natural/Azul	-	Xisto
28	Bica	-	Habituação	Ruína	1	1	-	Inclinada	Canudo	2	-	Xisto	-	SO	-	-	-	Xisto
29	Bica	-	Habituação	Ruína	1	1	-	Inclinada	Canudo	-	-	Xisto	-	SO	Madeira	-	-	Xisto
30	Bica	-	Habituação	Ruína	1	1	-	Inclinada	Canudo	2	-	Xisto	-	SO	Madeira	Natural	-	Xisto
31	Bica	-	Habituação	Ruína	1	1	-	Inclinada	Canudo	-	-	Xisto	-	SO	Madeira	-	-	Xisto
32	Bica	-	Habituação	Desab.	2	2	-	Inclinada	Canudo	2	-	Xisto/Reboco	Cimento	SO	Madeira/Ferro	Castanho	Simplex	Xisto
33	Bica	-	Habituação	Temp.	2	2	-	Inclinada	Canudo	2	Zinco	Reboco	Branco/Amarelo	SO	Ferro	Castanho	Simplex	Mármore
34	Bica	-	Habituação	Ruína	1	1	-	Inclinada	Canudo	2	-	Xisto	-	SO	Madeira	Castanho	Simplex	Granito/Xisto
35	Bica	-	Serviço	Forno Comu.	1	1	-	Inclinada	Canudo	1	-	Xisto	-	NO	-	-	-	-
36	Bica	5	Habituação	Hab.	1	1	-	Inclinada	Lusa	2	Zinco	Reboco	Branco/Amarelo	NE	PVC	Cinza	Simplex	Cimento
37	Bica	-	Arrumos	-	1	1	-	Inclinada	Canudo	2	-	Xisto	-	NE	Madeira	Castanho	-	Xisto
38	Bica	4	Serviço	Reab.	2	2	-	Inclinada	Canudo	2	-	Xisto	-	SO	Madeira	Castanho	Simplex	Granito
39	Bica	-	Habituação	Hab.	1	1	-	Inclinada	Canudo	1	-	Xisto	-	SO	Madeira	Castanho	Simplex	Xisto
40	Bica	-	Habituação	Ruína	1	1	-	Inclinada	Canudo	2	-	Xisto	-	SO	Madeira	Castanho	Simplex	Xisto
41	Bica	-	Habituação	Desab.	1	1	-	Inclinada	Canudo	2	-	Reboco	Branco	SE	Alumínio	Branco	Simplex	Cimento
42	Bica	-	Arrumos	-	1	1	-	Inclinada	Lusa	2	-	Reboco	Cimento	N	Ferro	Verde	-	Cimento
43	Bica	3	Habituação	Desab.	2	1	-	Inclinada	Lusa	2	-	Reboco	Cimento	NE	Alumínio	Azul	Simplex	Cimento
44	Bica	1	Habituação	Hab.	3	2	1	Inclinada	Lusa	2	-	Xisto/Reboco	Lambrim/Branco	NE	PVC-imita madeira	Castanho	Simplex	Mármore
45	Princípal	-	Arrumos	-	1	1	-	Inclinada	Chapa metálica	1	-	Tijolo s/ reboco	-	NE	Ferro	Vede	-	Cimento
46	Bica	-	Arrumos	-	1	1	-	Inclinada	Canudo	2	-	Xisto	-	NE	Ferro	Verde	-	Granito
47	Bica	-	Habituação	Temp.	1	1	-	Inclinada	Canudo	2	-	Xisto	-	NE	Madeira	Branco/Azul	Simplex	Granito
48	Bica	-	Habituação	Hab.	3	3	-	Inclinada	Lusa	2	Zinco	Reboco	Amarelo/Cimento	NE	Alumínio	Verde/Castanho	Simplex	Mármore
49	Bica	8	Habituação	Temp./ Reab.	2	2	-	Inclinada	Canudo	2	-	Xisto	-	NE	Madeira	Castanho	Simplex	Granito
50	Bica	4	Habituação	Ruína	1	1	-	Inclinada	Canudo	2	-	Xisto	-	NE	Madeira	Castanho	Simplex	Xisto
51	Bica	13	Habituação	Temp.	2	2	-	Inclinada	Lusa	4	Zinco/PVC	Reboco	Branco/Amarelo	NE	Madeira	Castanho	Simplex	Mármore
52	Bica	-	Arrumos	-	1	1	-	Inclinada	Lusa	2	-	Xisto	-	NE	Ferro	Azul	-	-
53	Bica	-	Arrumos	-	1	1	-	Inclinada	Chapa fibrocimento	1	-	Tijolo s/ reboco	-	NE	Ferro	Verde	-	Cimento
54	Bica	-	Arrumos	-	1	1	-	Inclinada	Chapa metálica	1	-	Xisto	-	SO	Ferro	Verde	-	-
54'	Bica	-	Arrumos	-	1	1	-	Inclinada	Canudo	1	-	Xisto	-	SO	Ferro	-	-	-
54"	Bica	-	Arrumos	-	1	1	-	Inclinada	Chapa metálica	1	-	Xisto	-	SO	Ferro	-	-	-
54'''	Bica	-	Arrumos	-	1	1	-	Inclinada	Francesa	2	-	Xisto	Cimento	SO	Ferro	-	-	-
54''''	Bica	-	Arrumos	-	1	1	-	Inclinada	Canudo	1	-	Tijolo s/ reboco	-	SO	Ferro	Cinza	-	-
55	Princípal	-	Habituação	Hab.	1	1	-	Inclinada	Marselha	2	-	Xisto	-	NE	Ferro	Verde	Simplex	Xisto
56	Princípal	-	Habituação	Hab.	1	1	-	Inclinada	Marselha	2	-	Xisto	-	NE	Ferro	Verde	Simplex	Xisto
57	Princípal	-	Habituação	Hab.	2	2	-	Inclinada	Canudo	2	-	Reboco	Branco/Amarelo	SE	Madeira	Castanho	Simplex	Xisto
57'	Princípal	-	Anexo de 46	-	1	1	-	Inclinada	Canudo	2	-	Reboco	Branco/Amarelo	SE	Madeira	Castanho	Simplex	Xisto
58	Princípal	-	Arrumos	-	1	1	-	Inclinada	Canudo	2	-	Xisto/Reboco/Tijolo	Cimento	SE	Ferro	Verde/Castanho/Cinza	Simplex	Cimento
59	-	-	Habituação	Hab.	2	2	-	Inclinada	Lusa	2	-	Xisto/Reboco	Cimento	SE	Ferro	Castanho	Simplex	Cimento
59'	-	-	Arrumos	-	1	1	-	Inclinada	Chapa metálica	1	-	Tijolo s	Cimento	SE	Ferro	Ferro	Ferro	Ferro
59''	-	-	Arrumos	-	1	1	-	Inclinada	Chapa metálica	1	-	Tijolo s	Cimento	SE	Ferro	Ferro	Ferro	Ferro
60	Princípal	18	Habituação	Hab.	1	1	-	Inclinada	Lusa	2	Zinco	Reboco	Branco/Azul	SO	Alumínio	Branco	Simplex	Cimento
61	Princípal	-	Arrumos	-	1	1	-	Inclinada	Lusa	2	-	Xisto/Reboco	-	SO	Alumínio	Castanho	Simplex	Cimento

1.



2.



3.



4.



5.



6.



7.



8.



9.



10.



11.



12.



13.



14.



15.



16.



17.



18.



19.



20.



21.



22.



23.



24.



25.



26.



27.



28.



29.



30.



31.



32.



33.



34.



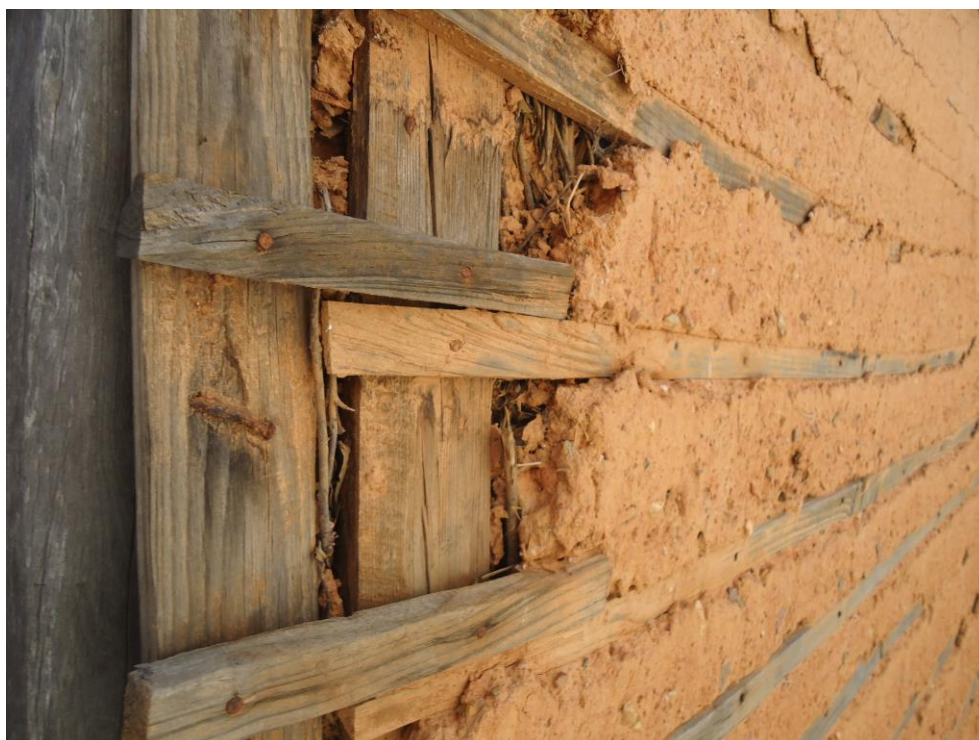
35.



36.



37.



38.



39.



40.



41.



42.



43.



44.



45.



46.



47.



48.



49.



50.



51.



52.



53.



54.



55.



56.



57.



58.



59.



60.

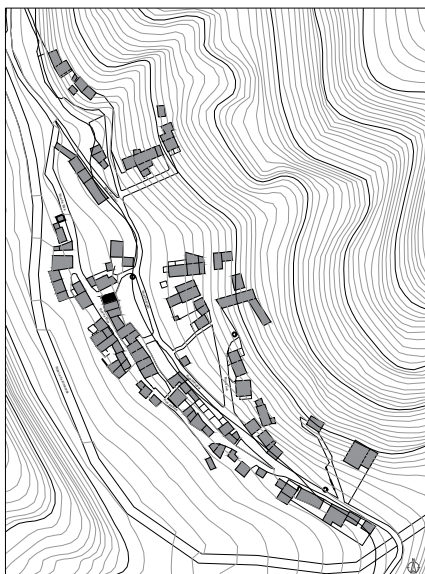


61.

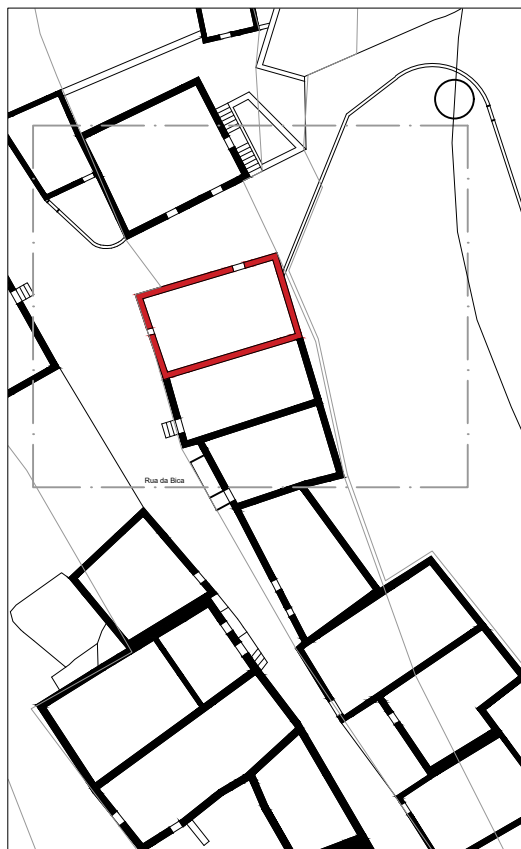


11.2 Anexo 2

Planta de localização 1/5000



Planta de implantação 1/500



Fotografias



Dados gerais

Localização: Martim Branco
 Freguesia: Almeda
 Concelho: Castelo Branco
 Coordenadas: 39° 56' 48.07" N
 7° 37' 35.93" O
 Uso original: Arrumos
 Número de pisos: 1
 Estado de conservação: Médio

Caraterização

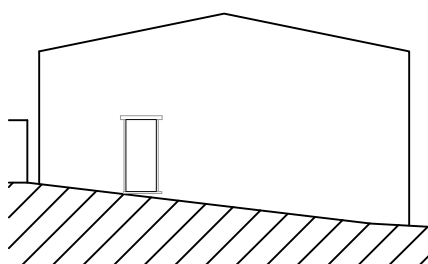
A unidade apresentada destinava-se a arrumos (tipologia 3), podemos verificar isso porque embora esta tenha apenas 1 piso este tem um pé direito de aproximadamente 4,6m e apenas apresenta uma porta na fachada norte e dois vãos na fachada sudoeste, um deles a uma baixa altura e de dimensões bastante reduzidas. A área bruta total é de 55,3 m².

Apresenta forma retangular e está orientada a sudoeste e a sua cobertura é de duas águas.

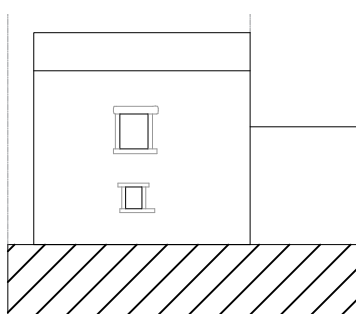
A construção em médio estado de conservação visualmente cumpre as características estéticas locais, com todas as paredes em alvenaria de pedra xisto e alguns apontamento de calhau rolado proveniente do rio, assim como a soleira também em xisto.

Em relação às caixilharias são em ferro, no caso da porta, de cor azul e em madeira as portadas de cor castanha, a cobertura de duas águas é composta por telha canudo.

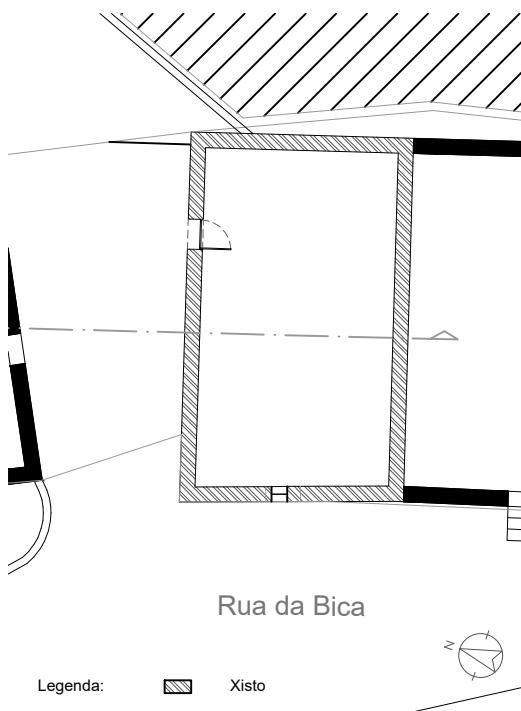
Alçado norte 1/200



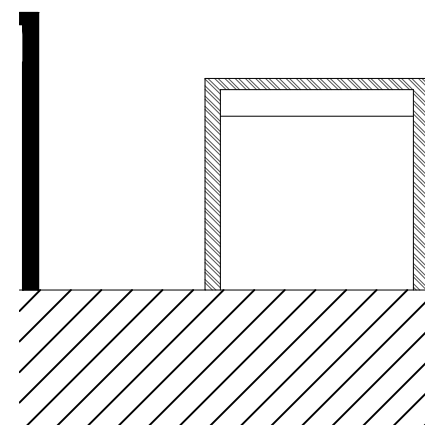
Alçado sudoeste 1/200



Planta 1/200

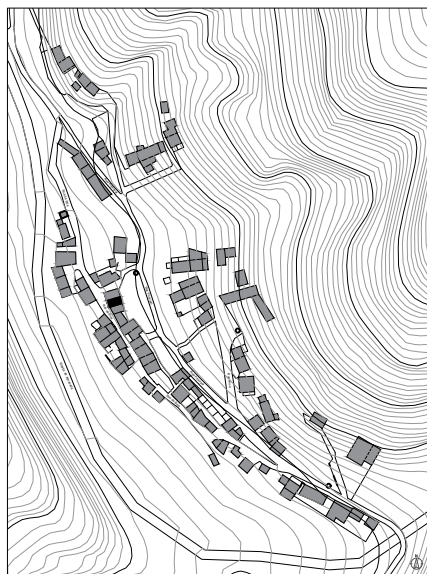


Corte 1/200

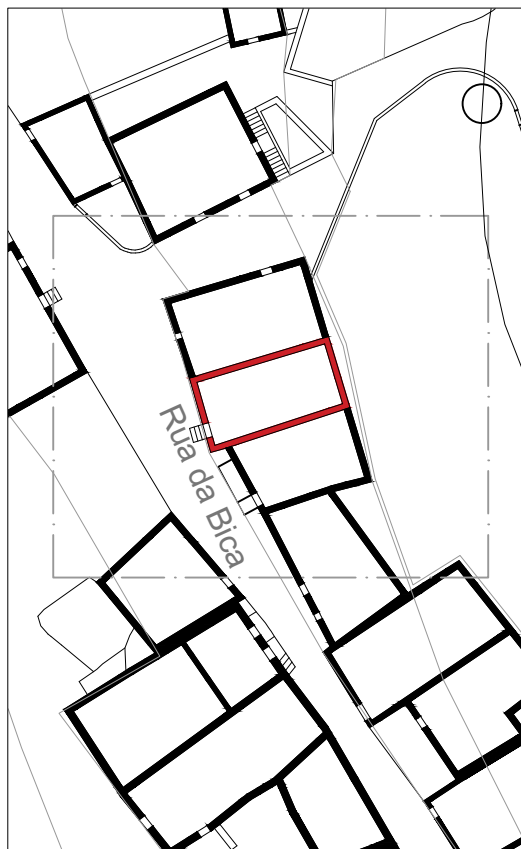


É possível consultar mais características no documento excel disponível nos anexos. (Edifício nº 26 no documento)

Planta de localização 1/5000



Planta de implantação 1/500



Fotografias



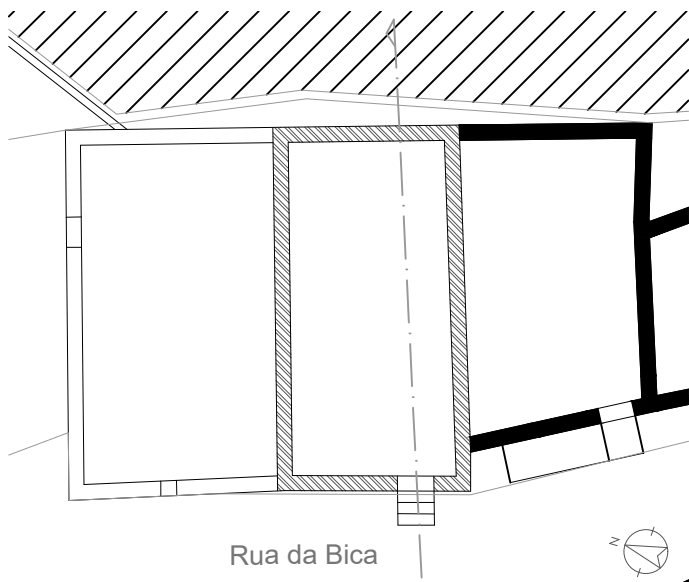
Dados gerais

Localização: Martim Branco
 Freguesia: Alameda
 Concelho: Castelo Branco
 Coordenadas: 39° 56' 47.88" N
 7° 37' 35.86" O
 Uso original: Habitação
 Número de pisos: 1
 Estado de conservação: Mau

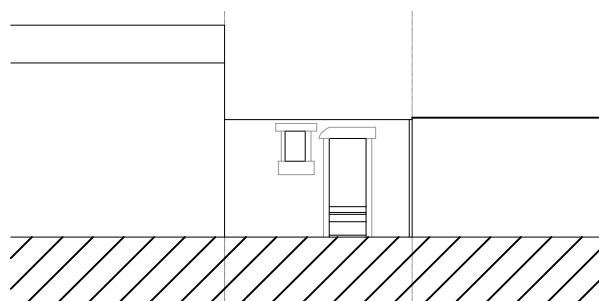
Caraterização

Esta unidade destinada à habitação (tipologia1) tem apenas 1 piso e apenas um acesso que se faz através de 4 degraus onde se encontra a soleira da porta, tem um pé direito de aproximadamente 3,1m, além do vão de entrada tem apenas mais um do lado esquerdo da porta.
 A área bruta é de 46,4 m².
 Apresenta forma retangular e tem fachada orientada a sudoeste.
 A construção encontra-se em mau estado no que diz respeito à sua conservação, apresenta fragilidade nas paredes, os degraus que dão acesso estão em mau estado, na cobertura existem algumas telhas partidas.
 Quanto à imagem da unidade a porta é em ferro de cor azul e a janela é em madeira de cor castanha.
 A cobertura é de duas águas com telha canudo e como já foi referido apresenta elevado grau de degradação.

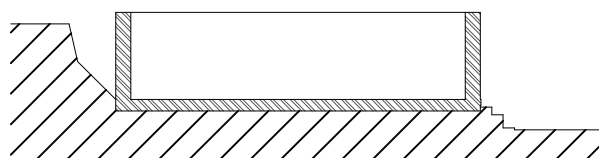
Planta 1/200



Alçado sudoeste 1/200



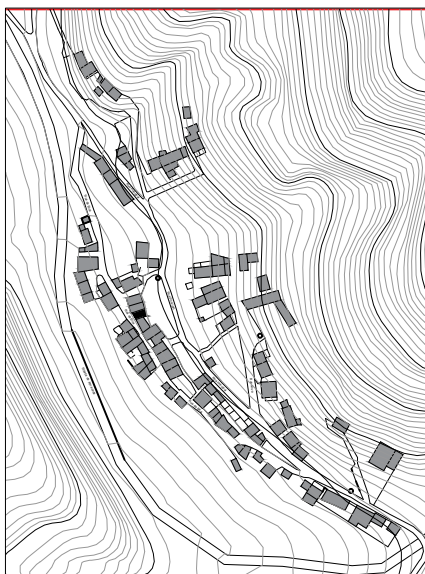
Corte 1/200



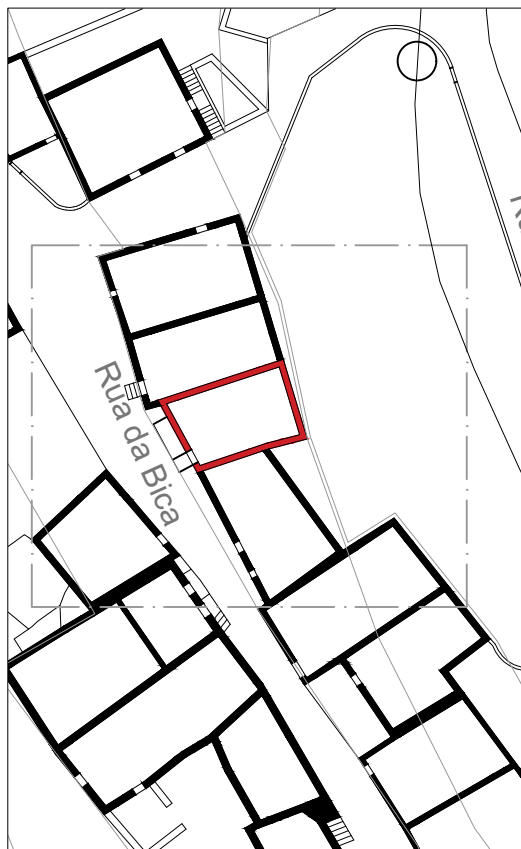
Legenda: Xisto

É possível consultar mais características no documento excel disponível nos anexos. (Edifício nº 27 no documento)

Planta de localização 1/5000



Planta de implantação 1/500



Fotografias



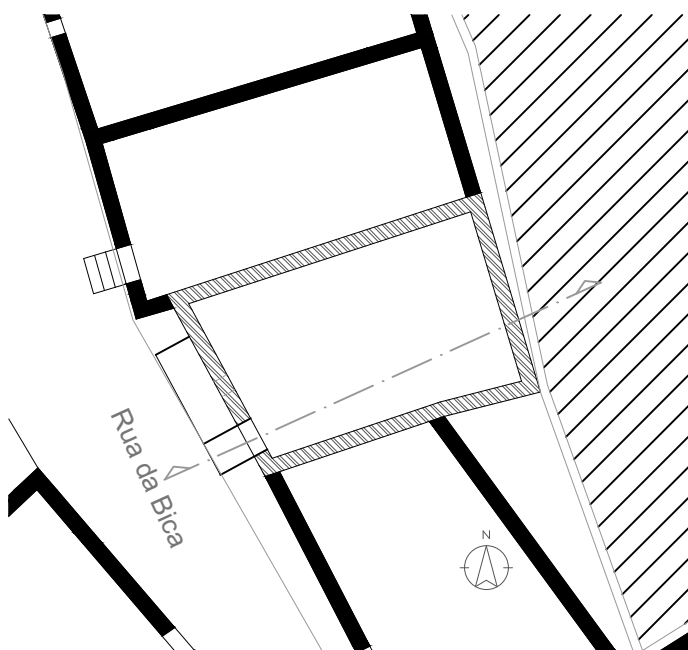
Dados gerais

Localização: Martim Branco
 Freguesia: Alameda
 Concelho: Castelo Branco
 Coordenadas: 39° 56' 47.74" N
 7° 37' 35.81" O
 Uso original: Habitação
 Número de pisos: 1
 Estado de conservação: Mau

Caraterização

A 3ª unidade tinha como função a habitação, esta encontra-se em mau estado sendo que apenas tem a fachada principal, a posterior e as laterais, já sem telhado, pelo que a situei na tipologia 5, ruína.
 Encontra-se invadida por vegetação selvagem no seu interior e já não há vestígios de objetos do quotidiano.
 Apresenta forma retangular cuja área é de 40,5 m², está orientada a sudoeste e a cobertura era de duas águas, visível nas paredes laterais.
 Quanto à caixilharia, portadas das janelas e porta já não se encontram, pelo que é difícil saber as suas caraterísticas.

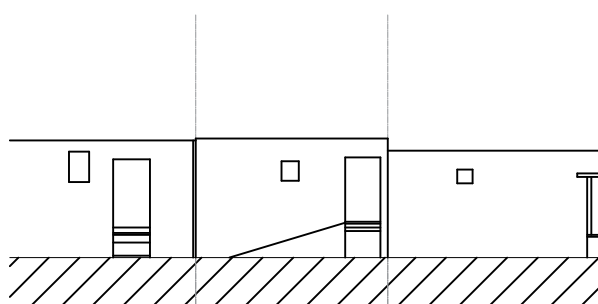
Planta 1/200



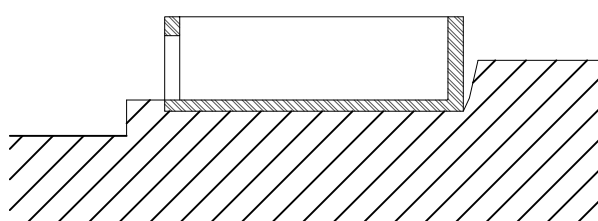
Legenda: Xisto

É possível consultar mais características no documento excel disponível nos anexos. (Edifício nº 29 no documento)

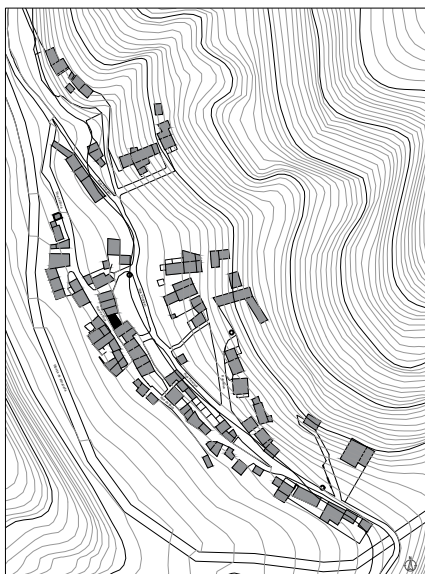
Alçado sudoeste 1/200



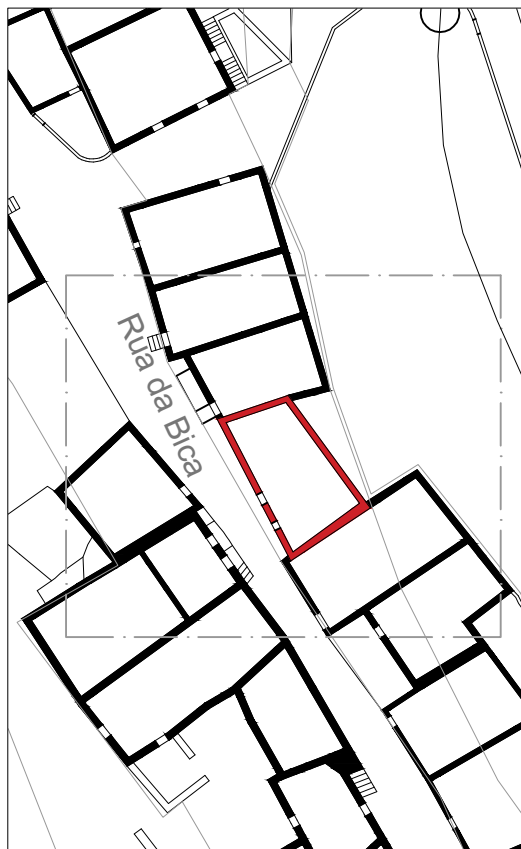
Corte 1/200



Planta de localização 1/5000



Planta de implantação 1/500



Fotografias



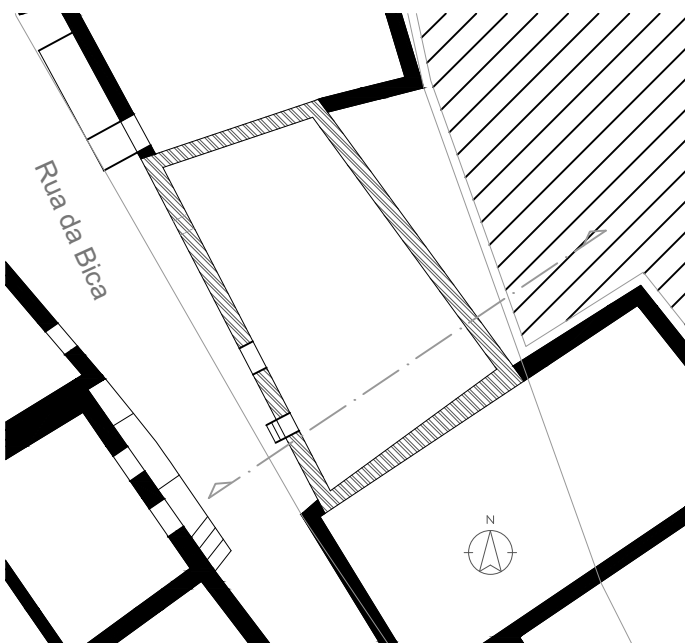
Dados gerais

Localização: Martim Branco
 Freguesia: Alameda
 Concelho: Castelo Branco
 Coordenadas: 39° 56' 47.74" N
 7° 37' 35.81" O
 Uso original: Habitação
 Número de pisos: 1
 Estado de conservação: Mau

Caraterização

Esta unidade de 1 piso destinado à habitação (tipologia 1) e um pé direito de 2,8m apresenta dois vãos de porta e um de janela de reduzidas dimensões. A área bruta é de 117 m², o acesso faz-se em ambas as portas por escadas exteriores.
 A construção está em mau estado de conservação no que diz respeito às paredes, à cobertura, ao pavimento interior em madeira bastante instável. As traseiras também já foram invadidas por vegetação.
 De forma retangular e fachada para sudoeste tem cobertura de duas águas com telha canudo.
 Em relação às cores e materiais da fachada é composta por madeira ao tom natural embora as duas tenham tons diferentes, como é perceptível nas imagens.

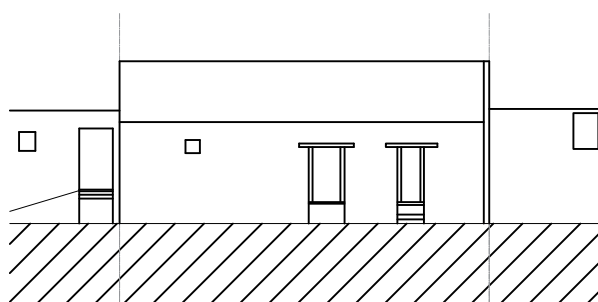
Planta 1/200



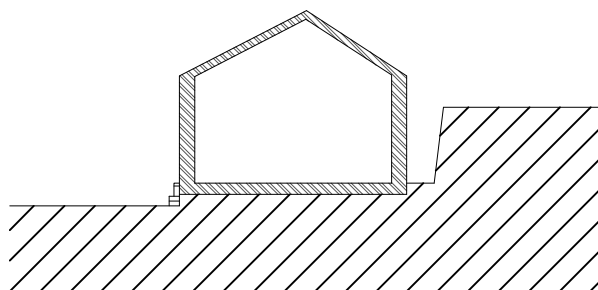
Legenda: Xisto

É possível consultar mais características no documento excel disponível nos anexos. (Edifício nº 29 no documento)

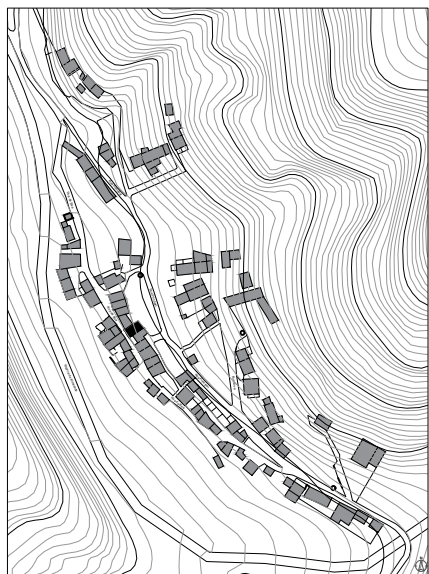
Alçado sudoeste 1/200



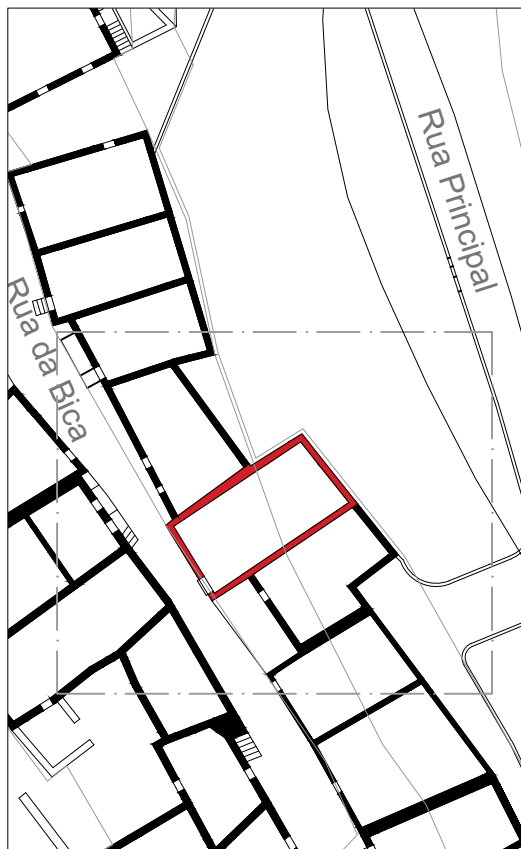
Corte 1/200



Planta de localização 1/5000



Planta de implantação 1/500



Fotografias



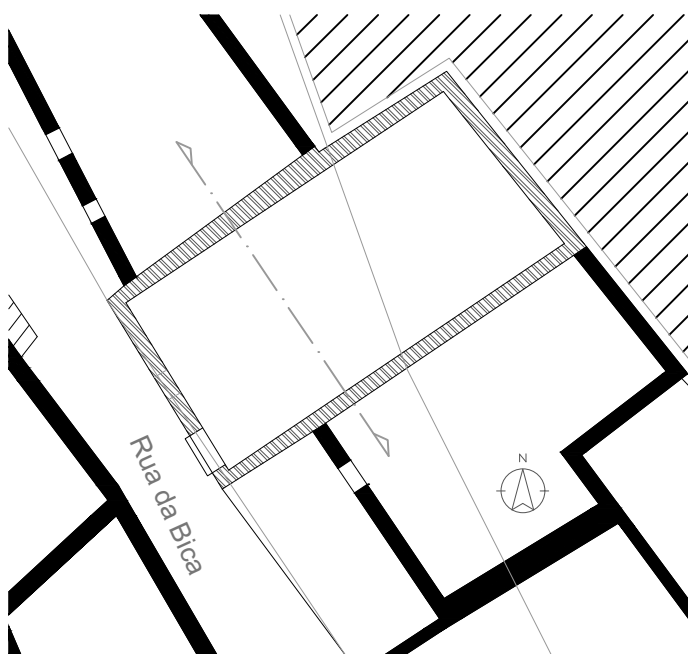
Dados gerais

Localização: Martim Branco
 Freguesia: Alameda
 Concelho: Castelo Branco
 Coordenadas: 39° 56' 47.74" N
 7° 37' 35.81" O
 Uso original: Habitação
 Número de pisos: 1
 Estado de conservação: Mau

Caraterização

A 5ª unidade tinha como função a habitação, apesar das paredes em xisto ainda se manterem o mesmo não se pode dizer da cobertura levando assim, no interior, a um elevado estado de degradação, por este motivo inseri-a na tipologia 5, ruína.
 Encontra-se invadida por vegetação selvagem. Apresenta forma retangular cuja área é de 65,8 m², está orientada a sudoeste e a cobertura era de duas águas, visível nas paredes laterais, com telha canudo.
 Em relação à caixilharia, a da janela já não está presente, quanto à porta esta é em madeira à cor natural visível nas fotografias.

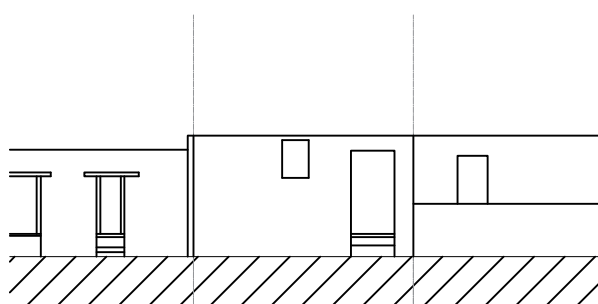
Planta 1/200



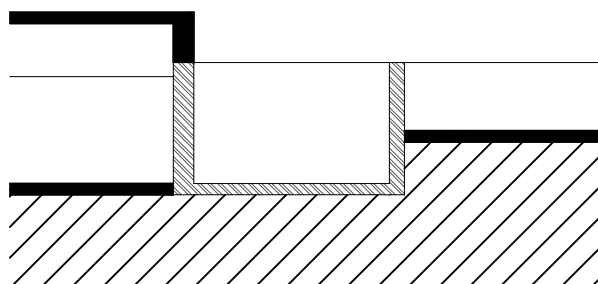
Legenda: Xisto

É possível consultar mais características no documento excel disponível nos anexos. (Edifício nº 30 no documento)

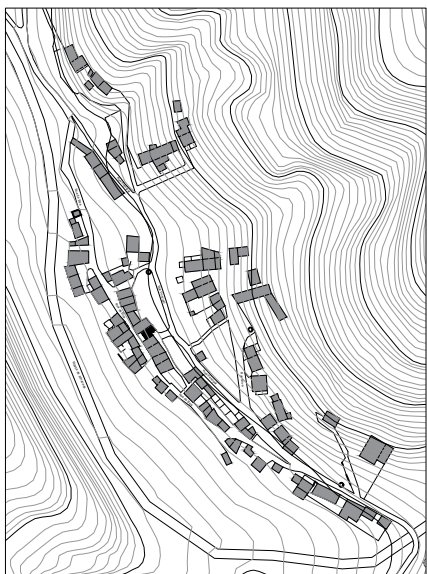
Alçado sudoeste 1/200



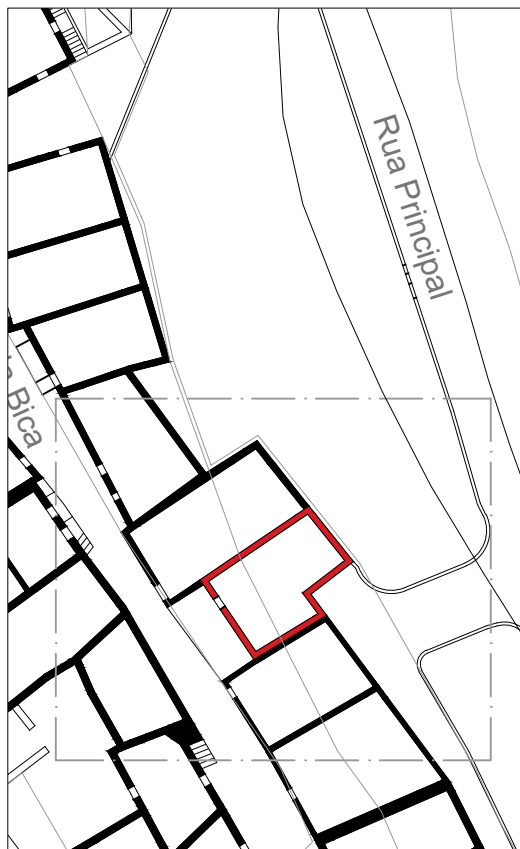
Corte 1/200



Planta de localização 1/5000



Planta de implantação 1/500



Fotografias



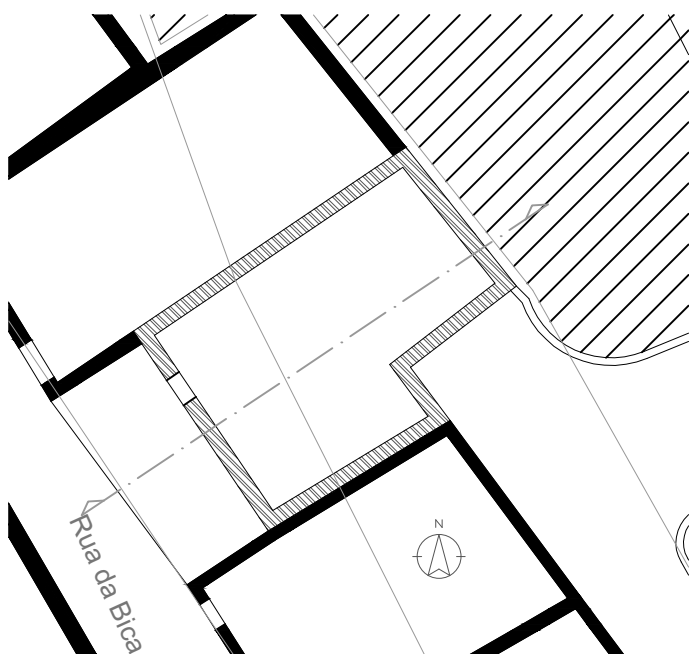
Dados gerais

Localização: Martim Branco
 Freguesia: Alameda
 Concelho: Castelo Branco
 Coordenadas: 39° 56' 47.25" N
 7° 37' 35.35" O
 Uso original: Habitação
 Número de pisos: 1
 Estado de conservação: Mau

Caraterização

A 3ª unidade tinha como função a habitação, esta encontra-se em mau estado sendo que apenas tem a fachada principal, a posterior e as laterais, já sem telhado, pelo que a situei na tipologia 5, ruína.
 Encontra-se invadida por vegetação selvagem no seu interior e já não há vestígios de objetos do quotidiano.
 Apresenta forma retangular cuja área é de 40,5 m², está orientada a sudoeste e a cobertura era de duas águas, visível nas paredes laterais.
 Quanto à caixilharia, portadas das janelas e porta já não se encontram, pelo que é difícil saber as suas caraterísticas.

Planta 1/200



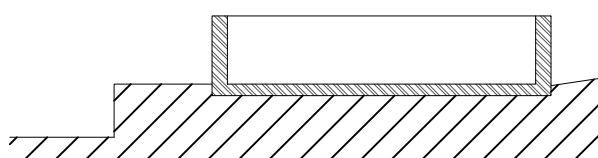
Legenda: Xisto

É possível consultar mais características no documento excel disponível nos anexos. (Edifício nº 31 no documento)

Alçado sudoeste 1/200



Corte 1/200



11.3 Anexo 3

Listagem dos desenhos técnicos

1. Planta de cobertura
2. Planta do piso 0
3. Alçado oeste
4. Alçado norte
5. Alçado este
6. Perfil AA'
7. Perfil BB'
8. Perfil CC'
9. Perfil DD'
10. Perfil EE'
11. Perfil FF'
12. Perfil GG'
13. Perfil HH'
14. Perfil II'/ Alçado sul